

# REFORMADOR

Revista de Espiritismo Cristão

Fundada em 21-1-1883 por

Augusto Elias da Silva

Ano 120 / Fevereiro, 2002 / Nº 2.076

ISSN 1413-1749

Propriedade e orientação da



FEDERAÇÃO ESPÍRITA  
BRASILEIRA

*Deus, Cristo e Caridade*

Direção e Redação  
Rua Souza Valente, 17  
20941-040 Rio RJ Brasil



[www.febrasil.org.br](http://www.febrasil.org.br)  
[feb@febrasil.org.br](mailto:feb@febrasil.org.br)

**Editorial** — Allan Kardec

**Responsabilidade dos Espíritas** — Juvanir Borges de Souza

**Exortação** Bezerra

**O Dólmen de Kardec**

**Amélie-Gabrielle Boudet** Wilson Longobucco

**Madame Allan Kardec**

**Consciência Reencarnatória** Richard Simonetti

**Ambiente para a Páscoa** Passos Lírio

**Viver com Vigilância** Jorge Hessen

**As Leis Divinas** Inaldo Lacerda Lima

**Desespero, Revolta, Por Quê?** Mauro Paiva Fonseca

**Esflorando o Evangelho No Futuro** — Emmanuel

**Perdidos no Tempo e no Espaço?** Nadja do Couto Valle

**Evolução** Augusto dos Anjos

**A FEB e o Esperanto Reações a Privilégios Lingüísticos na ONU** — Affonso Soares

**Esperanto** A. Castro Alves

**A Raiva Destruidora** Adésio Alves Machado

**Ciência do Infinito** Gebaldo José de Souza

**Gotas do Infinito** Paulo Nunes Batista

**FEB-Departamento de Infância e Juventude** 4º Encontro Nacional de Diretores de DIJ

**Magno Gesto** — Fábio Henrique Ramos

**Poesias de Auta de Souza**

**A Charrua da Existência Terrena** — Daltro Rigueira Vianna

**Sylvio Walter Xavier** — Antonio Lucena

**Seara Espírita**

**Tema da Capa:** Ilustra a capa desta edição o Dólmen de Allan Kardec, no Cemitério do Père-Lachaise, em Paris, numa reverência ao 113º aniversário de sua desencarnação.

# Editorial

## Allan Kardec

**N**ESTE MÊS DE MARÇO, NO DIA 31, COMEMORA-SE O 133º ANIVERSÁRIO DO RETORNO DE ALLAN KARDEC AO MUNDO ESPIRITUAL. ACREDITAMOS QUE RAROS SÃO OS ESPÍRITOS QUE, COMO ELE, ENCERRARAM UMA EXISTÊNCIA TERRENA COM A CONVICÇÃO DA PLENA E CORRETA REALIZAÇÃO DOS SEUS COMPROMISSOS ESPIRITUAIS.

Quando os Espíritos lhe informaram a respeito da sua missão, Kardec questionou em diálogo com o Espírito de Verdade\*: “Tenho, como sabes, o maior desejo de contribuir para a propagação da verdade, mas, do papel de simples trabalhador ao de missionário em chefe, a distância é grande e não percebo o que possa justificar em mim graça tal, (...)”.

O Espírito de Verdade confirmou a informação, mas observou que ele poderia tanto triunfar como falir, que poderia usar o seu livre-arbítrio como entendesse e que nenhum homem é constrangido a fazer coisa alguma. Destacou, ainda, dentre outras observações, que era rude a missão que estava reservada a Kardec, já que se tratava de transformar o mundo inteiro, e relacionou as inúmeras e enormes dificuldades que ele enfrentaria na execução do seu trabalho, completando: “Ora bem! Não poucos recuam quando, em vez de uma estrada florida, só vêm sob os passos urzes, pedras agudas e serpentes. Para tais missões, não basta a inteligência. Faz--se mister, primeiramente, para agradar a Deus, humildade, modéstia e desinteresse, visto que Ele abate os orgulhosos, os presunçosos e os ambiciosos.”

Sentindo-se convocado a uma decisão, diante da oportunidade que lhe estava sendo confirmada de servir a uma nobre causa, Kardec manifesta-se em prece: “Senhor! pois que te dignaste lançar os olhos sobre mim para cumprimento dos teus desígnios, faça-se a tua vontade! Está nas tuas mãos a minha vida; dispõe do teu servo.”

Com esta decisão Kardec lançou-se ao trabalho, cumpriu, retamente, os seus deveres para com Deus, para com a Humanidade e para com a sua própria consciência e legou ao mundo a Doutrina Espírita codificada em suas obras, deixando para nós, os que pretendem servir na Seara Espírita, um marcante **exemplo de humildade, dedicação, abnegação e perseverança.** ●

\* **KARDEC, Allan *Obras Póstumas* Minha Missão (12 de junho de 1856) Segunda Parte, 30. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2001, p. 281.**

# Responsabilidade dos Espíritas

Juvanir Borges de Souza

*O Cristianismo autêntico baseia-se no Amor a Deus e ao próximo, como ensinou o Cristo.*

*Na doutrina cristã, a Fé identifica-se com a Verdade, de tal forma que a fuga à realidade torna-se incompatível com a Fé verdadeira.*

*Se uma doutrina que se diz cristã divorcia-se das realidades dos fatos e da razão, a fé que ela inspira compromete-se e enfraquece-se naturalmente.*

*A Doutrina Espírita não foge às bases ensinadas pelo Cristo de Deus, desdobrando-as e interpretando-as com as revelações do Espírito de Verdade e da plêiade de Espíritos que se propuseram trazer à Humanidade os conhecimentos novos a que ela faz jus.*

*O progresso da Humanidade não pode resumir-se no conhecimento científico e na variada aplicação tecnológica dele derivada.*

*A verdadeira evolução humana fundamenta-se no conhecimento, sim, conjugado às leis de amor, de justiça e de caridade, que resumem todas as leis morais.*

A grande força do Espiritismo está na sua abrangência e na resposta que dá às interrogações do homem, em todos os tempos: de onde vem; para onde vai; o que significa a vida atual.

A certeza da vida futura é demonstrada experimentalmente.

A filosofia espírita é baseada em fatos. Ela demonstra e aceita verdades já conhecidas no passado, aclarando-as com os novos conhecimentos revelados. É o que ocorre com a doutrina da reencarnação, ou das vidas sucessivas, hoje percebida em sua lógica a serviço da justiça divina.

As interpretações literais de muitos escritos antigos e as idéias pessoais de fundadores de religiões tradicionais influenciaram poderosamente na concepção de doutrinas e informações inteiramente divorciadas da realidade.

É o caso das concepções de *céu, de inferno, das penas eternas*, do Deus trino da Santíssima Trindade e de tantos dogmas impróprios que fazem parte das religiões.

O Espiritismo, como o Consolador, procura repor a realidade, retificar os desvios, identificar a verdade, evitar as ilusões.

Por isso mesmo, sua aceitação e sua prática no mundo áspero e rebelde dos homens não será nem fácil, nem rápida. Pelo contrário, há necessidade de tempo, de paciência, de compreensão, de parte de sucessivas gerações, para que a idéia espírita seja implantada por toda parte, independentemente das barreiras religiosas, raciais, lingüísticas, institucionais.

O progresso, no sentido do bem e do aperfeiçoamento, aplica-se a todos os indivíduos, povos e civilizações. Não há dúvida de que o futuro reserva melhores condições de vida para todos os habitantes da Terra.

Mas, nas condições atuais do mundo em que vivemos, com a presença predominante de três fatores negativos – ignorância das leis divinas, orgulho e egoísmo – não têm os homens possibilidade de previsão de quando, em que tempo,

ocorrerá a regeneração da Humanidade, já que o progresso coletivo tem como fundamento essencial a transformação individual, intelectual e moral.

Diante da civilização do terceiro milênio da Era Cristã já se notam sinais de melhoria nas relações entre os povos. Diminuem as barreiras que antes os separavam. Acertaram-se tratados internacionais para a proscricção de várias determinantes de guerras, depois das duas hecatombes ocorridas na primeira metade do século XX.

Por outro lado, a Organização das Nações Unidas, organização que reflete o idealismo de boa parte da Humanidade, esforça-se contra toda espécie de conflitos, procura defender as condições ambientais em favor das futuras gerações, chama a atenção dos povos e nações para o problema da pobreza e da miséria, que podem ser desde já proscritas do mundo, e procura aproximar as religiões para a prática comum dos princípios que implicam compreensão, solidariedade, cooperação e não-violência, entre todos os homens, o que corresponde à prática do amor nas relações humanas.

Há, portanto, sinais positivos de um mundo melhor.

Mas, de outro lado, o atraso moral da maioria dos habitantes da Terra provoca conflitos armados de graves conseqüências, com o emprego da tecnologia para a destruição. O ódio entre grupos religiosos e raciais ainda subsiste neste mundo contraditório.

O progresso dos povos demonstra a justiça da lei divina da reencarnação. Com a pluralidade das existências as vantagens do progresso geral aproveita a todos, podendo gozar das novas condições de vida os que não as conheceram em existências anteriores.

Diariamente morrem e renascem milhares de criaturas nas diversas regiões do mundo. Ao cabo de um milênio renovam-se costumes, hábitos e muitas concepções. É evidente que o renascimento do Espírito em novas condições vai proporcionar-lhe o progresso que não lhe foi possível antes.

Assim, quando todos os povos estiverem em nível adiantado de sentimentos, os terrícolas terão substituído o egoísmo e orgulho, que ora os caracteriza, pela solidariedade, pela compreensão e pela simpatia.

Será o tempo da Terra regenerada, habitada por Espíritos fraternalmente unidos, onde os maus e egoístas, sentindo-se repelidos, procurarão mundos adequados às suas condições morais.

Sendo incontestável o progresso humano, bastando, para percebê-lo, a comparação de dois períodos distanciados no tempo, por exemplo, a época atual com os séculos passados, não há que duvidar que o futuro reserva a toda a Humanidade melhores dias.

Já que o progresso intelectual, pelos descobrimentos da ciência, é fato notório e incontestável, resta aos homens buscar a segurança e o equilíbrio em suas relações sociais, pelo avanço no campo moral.

...

A fase nova de um progresso moral mais acentuado para os habitantes deste Planeta já começou, neste largo período de transição em que tem havido melhor compreensão da vida por aqueles que já conseguem ver além de uma existência terrena.

São os idealistas espalhados pelos diversos grupamentos religiosos do Mundo que crêem firmemente na existência de uma Inteligência Suprema e Criadora de todas as coisas, que têm a certeza da imortalidade da Essência Espi-

ritual e da sua evolução contínua no sentido do Bem.

A Espiritualidade Superior, sob a orientação do Governador deste orbe, através de um corpo de idéias claras e sintéticas, englobando conhecimentos antigos e atuais, intui, inspira, ensina e apóia o progresso moral da Humanidade.

É o Espiritismo a Doutrina Consoladora do Cristo de volta à Terra orientando os que estão à procura da Verdade e da própria felicidade.

A felicidade, individual e coletiva, nesta vida e na futura, é um dos segredos da força das idéias espíritas. Outra parcela dessa força é a fundamentação lógica e realista das informações e revelações que vieram com o Consolador, pondo à mostra as leis divinas, imutáveis e justas.

A certeza da responsabilidade individual, na prática do bem ou do mal, afasta inúmeras ilusões criadas por concepções humanas, como a salvação pelo “sangue do Cristo”, pela “doutrina da graça”, pela indulgência comprada e tantas outras de favorecimento ao erro, praticado conscientemente na vida terrestre.

A responsabilidade dos espíritas, nesta fase de transição em que vive a Humanidade, é enorme.

Em primeiro lugar porque, ao conhecer a Doutrina e verificar a realidade e as firmes bases em que se assenta, cumpre ao espírita não somente o conhecimento doutrinário, mas a prática, a vivência das normas e leis que se apóiam em revelações superiores e não em teorias e conceitos humanos.

Em segundo lugar, o conhecimento da Verdade impõe-lhe o dever de divulgar todo o conhecimento adquirido, para que outras criaturas que estejam em condições de beneficiarem-se não se privem dela.

A divulgação da Doutrina Espírita, entretanto, pela razão mesma de sua natureza, há que obedecer a critérios éticos e morais compatíveis com seus próprios princípios e postulados.

Nesse caso, a tecnologia moderna, a mídia, os múltiplos sistemas de comunicação oral e escrita podem e devem ser utilizados, evitando-se, entretanto, os excessos de *marketing* e os apelos ao proselitismo puro e simples.

Como conclama o luminoso Espírito Bezerra de Menezes, dirigindo-se especialmente aos espíritas:

“Nós, vossos amigos espirituais, aqui estamos de pé, em intercâmbio convosco, para apressarmos o grande momento da fraternidade universal, para construirmos a civilização justa, onde os fatores de perturbações sociais, econômicas, desapareçam diante da grandeza moral dos postulados avançados. Ide, servidores da Boa Nova! Cantai a música da Nova Era.”\* ●

**\* Fonte: Palavras de Bezerra de Menezes no encerramento do 1º Congresso Espírita Mundial Médiun Divaldo P. Franco. Reformador de dezembro, 1995, p. 357.**

# Exortação

BEZERRA

*Mensagem psicofônica do Espírito Bezerra de Menezes, recebida pelo médium Divaldo P. Franco por ocasião do encerramento da 4a Reunião Ordinária do Conselho Espírita Internacional, na manhã do dia 5 de outubro de 1997, no Cemitério do Père-Lachaise, em Paris, França.*

**E**spíritas! Soa o clarim da Nova Era.

Não mais as sombras, nem as amarguras.

Os horizontes da Imortalidade são conquistados desde este momento. Antes, ignoráveis a vida espiritual e vos podíeis permitir o erro e a crueldade.

Não mais agora.

Rasgaram-se os céus e as vozes da Imortalidade descem como estrelas que mergulham na sombra do mundo para superar as dificuldades.

No passado, recebestes a mensagem de Jesus e a sepultastes no luxo e na ostentação. Ouvistes a Revelação Divina, mas não pudestes fugir dos gozos e do poder temporal.

Agora, sabeis da vossa responsabilidade, e que aqueles que mais recebem serão convidados a dar em demasia.

Ficai atentos, espíritas, o tempo urge e as horas passam.

Este é o vosso momento de iluminar a Terra.

Dai-vos as mãos uns aos outros e, como os cristãos primitivos, cantai a palavra de Jesus libertada por Allan Kardec.

Os Espíritos-espíritas que aqui estamos vos conclamamos às lutas sem quartel, à abnegação e à caridade, e desejamos dizer--vos que nunca estais a sós. Onde trabalhais, em vossos países, naqueles que vos hospedam, e naqueles em que reencarnastes, mesmo que poucos como somos, plantai as sementes do mundo renovado. Fertilizai-a com o suor do amor e protegei-a com o sangue do sacrifício.

Em nome dos Espíritos-espíritas desejamos agradecer à União Espírita Francesa e Francofona, na pessoa do irmão Roger Perez, por haver restaurado, na França, a dignidade espírita, por haver trazido à pátria latina o Evangelho restaurado.

Deus vos abençoe, meu filho, aos espíritas franceses, audaciosos e dedicados, e a vós todos, filhos da alma, para que prossigais na alvorada do novo Milênio com Jesus e Kardec, dignificando a criatura humana.

Rogamos ao Pai Celestial que vos abençoe, e que sejais felizes, são os votos do servidor humílimo e paternal de sempre,

•

# O Dólmen de Kardec

**N**a primeira reunião da Sociedade Espírita de Paris, após as exéquias de Allan Kardec, os membros presentes emitiram a idéia de se levantar um monumento que fosse testemunha da simpatia e do reconhecimento dos espíritas em geral à memória do inolvidável mestre. Essa aspiração, humana mas sincera, ganhou vulto e em pouco tempo a ela aderiu grande número de correligionários da França e de outros países europeus.

Ficou estabelecido, de comum acordo com Madame Allan Kardec, que a maneira mais racional de simbolizar o homem que foi a simplicidade encarnada, seria levantar-lhe um monumento por excelência simples, e que lhe recordasse também o pseudônimo gaulês – Allan Kardec. Foram então buscar no passado, entre os monumentos sepulcrais célticos ou druídicos, simples como os povos primitivos que os elevaram aos seus mortos, a representação ideal do túmulo de Kardec.

Tais construções funerárias cobrem, até hoje, o solo da antiga Bretanha e se acham espalhadas em toda a Europa Ocidental, no norte da Europa, na bacia do Mediterrâneo, no Irã, na Líbia, na Índia, no Extremo Oriente (especialmente o Japão), na Ásia, etc., permitindo crer que o uso desses monumentos megalíticos era quase universal. E como, de todas as crenças mais remotas, é o druidismo, praticado pelos antigos iniciados gauleses, uma das que mais se identificam com alguns princípios fundamentais da filosofia espírita, especialmente a reencarnação, muito felizes foram, pois, os discípulos do eminente fundador do Espiritismo na escolha do monumento druídico para perpetuar-lhe, na pedra, o nome e a obra.

Projetada a construção de um *dólmen*, que figurava, no fundo, simplicidade, universalidade e eternidade, confiaram esse trabalho ao talentoso escultor francês Charles-Romain Capellaro, bastante conhecido no mundo das artes, expositor premiado nos Salões de Paris, desde 1860, e que aceitava os princípios fundamentais do Espiritismo.

Adquiriu-se no Cemitério do Père-Lachaise (administrativamente conhecido por Cemitério do Leste) um terreno situado na confluência de duas aléias (44ª divisão) e a uma altitude de onde se domina todo o campo de repouso, e logo se pôs mãos à obra.

Já quase terminados os trabalhos, procedeu-se à exumação dos despojos mortais de Allan Kardec e sua transferência para a nova morada.

No dia 31 de março de 1870, pelas duas horas da tarde, os espíritas inauguravam o monumento dolmênico levantado em memória de Allan Kardec. De imponente simplicidade, aquele túmulo “fala aos olhos e à alma a linguagem dos séculos desaparecidos, evocando a lembrança das antigas gerações que consagraram por seu culto e por suas sepulturas as crenças reencontradas pelo Espiritismo moderno”.

Na inauguração fizeram uso da palavra, em eloqüentes expressões de reconhecimento e gratidão, as respeitáveis figuras do Espiritismo na França: Levent, Desliens, Leymarie e Guilbert.

O dólmen de Kardec, simples e severo em suas linhas, é constituído de três pedras de granito bruto em posição vertical (*esteios*), sobre as quais repousa uma quarta pedra tabular (*mesa ou chapéu*) em suave declive para trás, de modo a

delimitarem, todas elas, um espaço (*câmara*), de cujo centro se eleva um pedestal quadrangular, igualmente de granito, no topo do qual está colocada a herma, em bronze, de Allan Kardec, executada por Capellaro.

Na face dianteira do referido pedestal lêem-se as seguintes inscrições: *Fondateur de la Philosophie Spirite. Tout effet a une cause. Tout effet intelligent a une cause intelligente. La puissance de la cause est en raison de la grandeur de l'effet. 3 Octobre 1804 31 Mars 1869.*

No bordo frontal da pedra que, pesando seis toneladas, serve de teto, achase gravado o apotegma que resume a doutrina kardequiana, de justiça e progresso: *Naître, mourir, renaître encore et progresser sans cesse telle est la loi.*

Tendo sido sepultada nesse mesmo dólmen, em 1883, a veneranda companheira de trabalho do Codificador, gravou-se, na face esquerda do pedestal que suporta o busto de Kardec, o nome da viúva: Amélie-Gabrielle Boudet, seguido das respectivas datas de nascimento e morte.

Uma corrente de grossos elos, a simbolizar a união em torno de Kardec, liga as pilastras de sustentação da chamada “mesa”.

O Cemitério do Père-Lachaise, o mais importante de Paris, “verdadeiro museu” segundo a expressão de certo escritor, encerra maravilhosas sepulturas que ilustres artistas ergueram em homenagem a celebridades da música, das ciências, do teatro, da pintura, da literatura, da política, da filosofia, da guerra, etc.

Sendo uma das necrópoles mais visitadas em todo o mundo, e isto desde a sua inauguração, em 1804, ainda hoje atrai a admiração dos turistas que vão à Cidade Luz.

Nesses últimos cinquenta anos, o dólmen de Kardec tornou-se como que o ponto obrigatório dos visitantes do Père-Lachaise, sejam eles espíritas ou não.

A imprensa de várias nações tem salientado essa curiosa preferência, explicando-a quer pela forma original do sepulcro, quer pela divulgação sempre crescente do nome Allan Kardec, quer, ainda, pela profusão de flores depositadas junto ao dólmen, a demonstrar, de conformidade com as palavras de Samuel Smiles, que “os homens verdadeiramente grandes e bons nunca morrem, nem mesmo neste mundo”.

Edmundo Lys, ilustre jornalista e cronista, que por muitos anos abrilhantou as páginas do jornal guanabarrino *O Globo*, disse, certa vez, que o túmulo de Kardec, no Père-Lachaise, bem cuidado e florido, era o único que realmente permanecia vivo no meio de todos aqueles mortos.

Em 1959, a prestigiosa revista norte-americana – *Holiday*, editada em Filadélfia, publicava em seu número de janeiro o artigo de J. Bryan – *Paris: The Bust end the Chain*, ilustrado com fotografias, e no qual o jornalista vivamente recomendava, aos turistas em Paris, duas atrações inesquecíveis: o pôr-do-sol emoldurado pelo Arco do Triunfo, e o dólmen de Kardec.

Posteriormente, a conhecida revista Horizontes, da capital mexicana, num interessante trabalho intitulado “Difuntos de Paris”, assim assinalava:

*Dos notas curiosas, entre otras, del Père Lachaise: el sauce sobre la tumba de Musset, como el poeta pidió en una de sus poesias, y la tumba del fundador del espiritismo como doctrina, Allan Kardec (Hipólito Rivail), perennemente cubierta de flores por sus adeptos.*

Bem recentemente, os leitores da folha francesa *Coopérateur*, de 11 de novembro de 1967, puderam fazer uma peregrinação aos principais cemitérios de Paris através de longo artigo do jornalista Clément-Chavardès. Ao percorrer o



Père-Lachaise, ele confirmou que “o túmulo mais solicitado é o de Allan Kardec, chefe dos espíritas” (*la tombe la plus demandée est celle d Allan Kardec, chef des spirites*), fato que não lhe era desconhecido, consoante suas próprias palavras: “Eu sabia que Kardec atraía gente de todas as classes sociais, que vinha de longe, até do estrangeiro, para entregar-se a meditações junto ao seu túmulo cercado de rosas e dalias.”

Desde 1870, espíritas de várias partes do mundo, inclusive do Brasil, têm-se reunido anualmente, no dia 31 de março, diante do dólmen, em homenagem e reconhecimento a Kardec, numa demonstração patente de que os sacrifícios do missionário francês não foram em vão e que ele permanece tão vivo no passado quanto no presente. ●

**Fonte: Reformador de fevereiro de 1969, p. 32-34.**

# Amélie-Gabrielle Boudet

WILSON LONGBUCCO

Queremos homenagear a Sra. Amélie-Gabrielle Boudet, no seu 118º aniversário de desencarnação, que ocorreu em Paris, no dia 21 de janeiro de 1883.

Amélie-Gabrielle Boudet nasceu na comuna de Thiais (França), no dia 22 de novembro de 1795. Ela teve um grande papel no surgimento do Espiritismo, como esposa e principal colaboradora do Codificador, o Prof. Hippolyte Léon Denizard Rivail, mais conhecido, mundialmente, por Allan Kardec.

Demonstrando, desde cedo, grande inteligência, cursou a Escola Normal, saindo professora de primeira classe, sobressaindo-se, mais tarde, como professora de Letras e de Belas Artes. Era dotada de dons artísticos, de apreciável tendência para o desenho e a poesia, frutos de aprimorada educação e de fina sensibilidade.

Em 6 de fevereiro de 1832, casou-se com o Prof. Denizard Rivail, com quem partilhou a experiência do Instituto Técnico, fundado por ele em Paris, seguindo orientação estritamente baseada nos métodos do célebre educador suíço Henrique Pestalozzi, seu insigne mestre.

Culta, vivendo para o ensino, que desejava reformado na França, a Professora Amélie Boudet via no Prof. Rivail o homem capaz de realizar essa reforma, ou prepará-la, o que aconteceu, como atestam as obras de seu marido sobre o assunto, obras didáticas, algumas delas reeditadas e ainda consultadas bem posteriormente.

Foi a companheira ideal do homem que tinha grande missão religiosa no mundo moderno, minado pelas doutrinas materialistas e panteístas, aquela que poderia compreendê-lo, integralmente, e ser a fiel continuadora de sua obra imortal: a Codificação do Espiritismo, o neo-espiritualismo de ingleses e americanos, que deixara de ser um divertimento dos salões, de “mesas girantes”, um passatempo de desocupados, para tornar-se filosofia de largas conseqüências morais e ciência positiva, que abria horizontes novos ao espírito humano e, principalmente, a revivência do Cristianismo; em suma: a Terceira Revelação, em continuação à Primeira, com Moisés, e à Segunda, com Jesus. Bem estudados, os livros de Kardec mostram que se destinam a aproximar o homem da Divindade, e vêm restabelecer, em sua pureza, a doutrina cristã.

Podemos dizer, sem medo de contestação, que, se Allan Kardec conseguiu realizar sua ingente tarefa, seu imenso labor doutrinário e cultural, ele o deveu à presença constante – quase quarenta anos –, afetuosa, nobre, ao estímulo e ajuda da companheira admirável, como ele votada ao magistério e às coisas do espírito. Não se pode esquecer que ela o secundou em seus múltiplos afazeres intelectuais e, de modo especial, no lançamento, em 1858, da *Revue Spirite*.

Tão grande foi a atuação de Amélie no Espiritismo nascente – o que tem sido pouco divulgado no Brasil – que *Revue Spirite*, por ocasião da sua desencarnação, aos 87 anos de idade, comentou: “De igual grandeza de alma, a esposa foi digna do esposo. Ela também prestou relevantes serviços à Causa Espírita.”

Madame Allan Kardec foi incansável ao lado do marido, que tanto se afadigava nas lides espíritas, a ponto de ter perdido, com isso, a saúde. Acompanhava-o,

quanto possível, nas viagens missionárias que ele empreendeu entre 1860 e 1864, com ele participando, sempre que necessário, dos debates. Ao vê-lo partir deste mundo, tão inesperadamente, quando ainda havia tanta coisa a fazer, portou-se como verdadeira espírita, num testemunho de fé inabalável. E, a despeito de sua avançada idade, teve forças para prosseguir a luta, dedicando-se de corpo e alma às tarefas tão do agrado de Kardec.

Após 1869, juntamente com alguns dedicados companheiros, pondo em prática planos delineados por Allan Kardec na Revue Spirite de 1868, ajudou a fundar a Sociedade Anônima do Espiritismo que, em 1873, teve assim o nome mudado: Sociedade para a Continuação das Obras Espíritas de Allan Kardec.

Amélie Boudet desencarnou, como já dissemos, em 21 de janeiro de 1883, em Paris, mostrando sempre lucidez, muita fé e esperança. Para servir à causa do Espiritismo na França, tão arduamente defendida por Denizard Rivail, esqueceu-se de si mesma, da sua própria obra educacionista, de sua vocação de poetisa e escritora, para só viver – com que capacidade de trabalho! – o ideal espírita que foi, mais tarde, ampliado e universalizado.

● Obrigado, Amélie Boudet!

# Madame Allan Kardec

Catorze anos depois do decesso de H. L. D. Rivail (Allan Kardec), retornava ao Mundo dos Espíritos, não sem antes lutar denodadamente, com significativa desenvoltura e tirocínio na orientação e administração dos interesses espirituais da Doutrina, quando da inicial consolidação do Movimento Espírita, no Planeta, Amélie-Gabrielle Boudet, a viúva Allan Kardec.

Aos 31-3-1869, ao desencarnar subitamente, Allan Kardec parecia ter deixado um vazio no coração dos espíritas, como se tivera – além de todos os dons e virtudes que lhe ornavam o caráter de Missionário da Terceira Revelação – igualmente a marca da *insubstituibilidade* na fulgurante aura de luz que o identificava.

Passados, porém, os dias de impacto que se seguiram à ruptura de um aneurisma de aorta, eis que as coisas começam a retornar à normalidade habitual, embora se registrasse uma grande ausência. Mas, principiando nova tarefa missionária – que os olhos humanos nem sempre notavam – ali, diante do patrimônio – sobretudo moral e espiritual – transmitido pelo Mestre de Lyon, para todos os seres e todos os tempos, à frente da atividade humana e terrestre do Consolador Prometido por Jesus, velava e esmerava-se a sublime figura de Amélie Boudet.

Foi ela quem tudo proveu e invariavelmente conduziu, com rara lucidez e pertinácia, na fase duríssima das hostilidades e processos, das acusações e escândalos que a Treva promove no mundo contra o apostolado do Bem. Discípulos do Codificador, quais Leymarie e Crouzet, afóra outros, assessoravam a admirável Madame Kardec e dela recebiam a tranqüila palavra de ordem, para os cometimentos kardequianos durante os anos de provas e testemunhos, que a história registrou.

Coroando seus cabelos brancos, aos 87 anos (1795-1883) chegou-lhe no frio inverno europeu, naquele 21 de janeiro, o diadema de vitória e glória dos justos e abnegados servidores do Cristo de Deus no sopro suave de pacífica desencarnação.

Com a volta de Amélie Boudet à vida do Infinito, teve início a transferência para estas terras da Árvore do Espiritismo, como previsto por Ismael, o Legado do Senhor, no Brasil, e isso não aconteceu senão através da iniciativa de Augusto Elias da Silva, que, com poucas horas de diferença, no mesmo dia 21 distribuía a primeira edição de REFORMADOR.

Homenageamos, em espírito e verdade, Amélie Boudet, a generosa individualidade do Cristianismo Redivivo, (...) suplicando para ela as mais sublimes bênçãos de Maria de Nazaré, a Mãe Santíssima.



**Fonte: Reformador de fevereiro de 1983, p. 34. (Editorial em comemoração ao centenário de desencarnação de Amélie Boudet.)**

# Consciência Reencarnatória

RICHARD SIMONETTI

**A**vançam as pesquisas sobre a reencarnação.

Há incontáveis livros publicados, particularmente na Europa e nos Estados Unidos. Envolvem aspectos variados, com destaque para as reminiscências espontâneas.

É significativo o número de pessoas que se recordam de existências passadas. Algo ponderável, principalmente por envolver, geralmente, crianças, sem nenhum interesse ou capacidade para forjar histórias fantásticas.

Por outro lado, a Terapia das Vivências Passadas (TVP) coloca médicos e psicólogos em contato com vidas anteriores dos pacientes, acumulando evidências e farto material para pesquisa.

Dizia-nos um psicólogo:

*– Já não tenho dúvidas sobre a Reencarnação. Eu a vejo, clara, inconfundível, nas reminiscências induzidas, em que meus pacientes descobrem, surpresos, acontecimentos de ontem que repercutem hoje em seu psiquismo. E superam muitos problemas a partir dessas experiências, particularmente aqueles decorrentes de acontecimentos traumáticos, de vidas anteriores. Passam a lidar melhor com fobias e desajustes diretamente relacionados com eles.*

Para nós, espíritas, é motivo de satisfação.

Gratificante ver nossa crença disseminada, nossos princípios evidenciados, influenciando os profissionais de saúde, a caminho de uma medicina psicossomática, interessada em desvendar os mistérios do Espírito imortal para resolver os problemas do homem perecível.

...

Consideremos, entretanto:

Não basta constatar uma realidade.

Imperioso que repercuta em nossa vida.

Não basta admitir idéias.

É preciso cultivar ideais.

A reencarnação não é apenas um princípio lógico e racional, que explica as diferenças humanas.

Fundamental ver nela um precioso estímulo, ajudando-nos a superar nossas próprias limitações.

Para tanto, é preciso formar uma *consciência reencarnatória*, a convicção de que estamos em trânsito pela Terra, numa viagem que se iniciou há milênios antes do berço, e se estenderá rumo ao infinito, além-túmulo.

Não podemos nos limitar aos interesses materiais, à satisfação de nossos desejos em relação ao imediatismo terrestre, visando sucesso, conforto, riqueza, prazer...

Acima de tudo deve estar a edificação de nossas almas, o empenho por superar mazelas e imperfeições, valorizando o ensejo de aprendizado da jornada humana.

...

Oportuno indagar, diariamente, a nós mesmos:

O que cultivo – iniciativas, desejos, interesses, atividades – diz respeito a minha condição de Espírito imortal?

Estou crescendo em conhecimento, responsabilidade e discernimento?

Ou tenho privilegiado o homem perecível, a perseguir ilusões?

Fundamental essa análise introspectiva.

Há algo de suma importância em jogo:

**O nosso futuro!** ●

## Ambiente para a Páscoa

PASSOS LÍRIO

**A**chamos singularmente sugestiva e edificante a passagem evangélica que alude à preparação da páscoa. Encontramo-la no capítulo 22 das anotações de Lucas, assim descrita:

Chegou o dia dos pães ázimos, em que se devia imolar a páscoa, e Jesus enviou a Pedro e João, dizendo-lhes: – “Ide preparar-nos a páscoa, para que a comamos.” Eles lhe perguntaram: – “Onde queres que a preparemos?” Respondeu-lhes: – “Ao entrardes na cidade, encontrareis um homem carregando um cântaro de água; acompanhai-o até à casa em que ele entrar, e dizei ao dono da casa: O Mestre manda perguntar-te: Onde é o compartimento em que hei de comer a páscoa com meus discípulos? Ele vos mostrará um amplo cenáculo mobiliado; aí fazei os preparativos. Eles foram e acharam como ele lhes dissera, e prepararam a páscoa.

Não foi essa a única vez em que Jesus buscou o recesso de um lar para Sua estada. Outras houve.

Em Betânia, na casa de Simão.

Em Jericó, na casa de Zaqueu.

Em Cafarnaum, na casa de Simão Pedro.

Em casa de Maria e Marta, irmãs de Lázaro.

Em casa de Levi.

No caso a que nos reportamos, não há menção ao nome do anfitrião, o que não impediu que o acontecimento se celebrasse e celebrizasse tanto quanto outro relatado pelos Evangelistas.

É difícil ver-se uma casa de família em que não haja o quadro da chamada Santa Ceia.

A arte viu e imortalizou o fato em si.

Nós, porém, preferimos atentar na conduta da personagem que serve, por assim dizer, de fundo à tela ou de sua motivação pictórica.

Naquela moradia havia realmente um amplo cenáculo mobilado, que era o compartimento reservado ao Mestre para celebrar a páscoa com seus discípulos.

Aquele homem consagrara no recinto doméstico lugar para um ato de essência divina, de profunda significação espiritual, que deveria assinalar indelevelmente a presença de Jesus em sua vida, a glória de merecer-Lhe o memorável convívio, de tê-lo, por algumas horas, junto de si e consigo.

O dono da casa, por sua vez, era pessoa de cuja existência o Senhor tinha conhecimento.

Em quem identificava a natureza dos propósitos.

De quem sabia as atividades e os hábitos.

Para quem assinalava a justa posição espiritual, no quadro dos valores eternos.

Aquele dono da casa, que tinha um compartimento à Sua disposição para celebração da páscoa com os discípulos, era alguém de vida simples; espírito sincero, leal e humilde; homem devotado ao cumprimento dos seus deveres de cidadão e de chefe de família.

Ele acalentava um ideal, além das tarefas que lhe eram peculiares; ele afagava uma esperança que resumia todos os seus mais acrisolados anseios: receber Jesus em sua casa e oferecer-Lhe o que de melhor possuía – um amplo cenáculo mobilado, onde o Senhor tomaria assento à mesa com os Seus mais achegados seguidores.

Jesus recolheu-lhe os santificantes impulsos do coração, apreendeu-lhe a grandeza da alma, reconheceu-lhe mérito para a prova máxima de confiança de que se fazia credor, com a escolha de sua residência, dentre inúmeras outras, talvez até mais confortáveis, para a celebração da páscoa com os seus discípulos.

E foi assim que o Senhor lhe enviou dois mensageiros e com ele fora ter, depois, em pessoa, acompanhado do Colégio Apostólico, para testemunhar-lhe aprovação aos íntimos anseios de sua alma dedicada.

Como vemos, a questão é de ambiente para a Páscoa com Jesus, que virá a nós, que a celebrará conosco, se fizermos por onde ser considerados um dos Seus, consagrando-lhe o melhor que possuamos, o mais que possamos, pela vitória conjunta, nossa e dEle, na face do Mundo. ●

# Viver com Vigilância

JORGE HESSEN

Muitos médiuns desequilibram-se ao primeiro contato com as dificuldades mais macerbas, após endossarem os mais entusiásticos propósitos de reforma íntima com as lições doutrinárias! Não podemos esquecer que na seara mediúnica a conseqüência é bastante grave.

Para o exercício da mediunidade requisita-se do médium esforço, treinamento e espontaneidade. O intercâmbio com o além-túmulo não pode ser automático, urge muita disciplina; qualquer negligência pode perturbar-nos a composição emocional. Por isso, mediunidade não pode ser resultante de precipitação, porém resultado de obrigatória e consistente base teórica a fim de adquirirmos a confiança dos Benfeitores que nos aproveitam os potenciais psíquicos.

A transição entre os desejos materiais e as conquistas espirituais é muita lenta. Há quase sempre entre nós um oceano de palavras convencionais e algumas gotas de atitudes para o esforço da reforma íntima. Poucos conseguimos padronizar emoção e idealismo nas construções espirituais, e raramente nos dispomos, com fidelidade, ao aproveitamento do benefício concreto dos valores genuínos do cumprimento das lições singulares do Cristo.

É inútil desfilarmos as renovadas promessas e os votos de trabalho espiritual se nos embates com as necessidades reais da tarefa não permanecemos fiéis à própria consciência. Não é raro, nos momentos bafejados pela tranqüilidade, reverenciarmos a Natureza e a Vida, e nos momentos árduos gerarmos dissimuladas revoltas, pretextando incompreensão do próximo. Não podemos esquecer da aplicação da luz evangélica à vida prática. Evitemos as excessivas e inócuas promessas sem a irrigação no campo da fidelidade aos princípios da fraternidade.

Todos dispomos de variações mentais particulares, pelas quais entramos em combinação espontânea com a onda de criaturas desencarnadas ou encarnadas que se nos afinem com as tendências de desejos, atitudes e obras, no quimismo irresistível do pensamento. Desse modo, arremessando uma idéia, sucede-nos o intercâmbio das que se sintonizam, energia essa que para logo se materializa, com potencialidade correspondente à nossa insistência em sustentá-la, mantendo-nos, assim, espontaneamente em comunicação com todos os que nos compartilhem a maneira de sentir. É bom lembrar que muitos comprometem o próprio lar por falta de vigilância nas atitudes permissivas do cotidiano, na área das seduções “inocentes”.

A identificação com qualquer espécie de atitude ou companhia, leitura ou conversação menos dignas sedimenta-nos problemas emocionais e psíquicos. Por outro lado, devemos considerar também que atingiremos na oração sincera o condicionamento específico para externar as oscilações mentais próprias, no rumo das freqüências de ondas magnéticas favoráveis que nos alcançarão em abundância.

Nossa mente é um autêntico mundo de irradiação e admissão de energias e atraímos os que se afinam com nossas tendências. Os infelizes agradam aos infelizes, os ignorantes se reúnem, os desonestos comungam na mesma esfera, os trabalhadores estabelecem laços recíprocos do serviço e realização.



Se apenas buscarmos consolação (proteção espiritual) sem aquisição dos valores morais consoante a moral cristã, não passaremos de crianças espirituais. Por essas e outras razões não se pode recomendar exercício da mediunidade, conforme proposto pela Terceira Revelação, sem o emprego do esforço por builar as atitudes perante o semelhante. Reflitamos para que, antes de cogitarmos do exercício da mediunidade, procuremos a elevação de nossas idéias e sentimentos. Não podemos contar com um bom desempenho mediúnico sem a consolidação dos elevados propósitos de viver diligentemente.

Consideremos que, sem a preparação necessária, a excursão dos que provocam ingresso no reino invisível é, quase sempre, uma viagem nos círculos de sombras.

Todas as almas retas, que trabalham para o bem, podem entrar em comunhão com os Benfeitores Espirituais e receber-lhes o acolhimento específico, independentemente do treinamento da mediunidade. Não há privilegiados na Obra Divina, porém, obreiros fiéis compensados com justiça, seja onde for. •

# As Leis Divinas

INALDO LACERDA LIMA

À primeira vista, parece dar a entender *O Livro dos Espíritos* que Deus subordina todo o Universo a uma única lei: a Lei Natural, da qual os Espíritos reveladores oferecem alguns caracteres, que devem ser sempre comentados com o pensamento voltado à direção daqueles que procuram valorizar o estudo, tendo em mente que o objetivo principal do aprendizado espiritual é a aquisição de conhecimentos que possam conduzir o homem à felicidade...

Ocorre que a lei de Deus, natural e evidente, é bem diferente das leis humanas. As leis dos homens se diversificam num verdadeiro emaranhado de idéias que se misturam, contradizem-se e, por vezes, se tornam obsoletas, o que lhes dificulta a aplicação. A lei de Deus é eterna. Simples e perfeita, porque assentada no Amor e na Sabedoria, nunca se contradiz. Embora seja a Terra tão pequena e a Humanidade uma só, cada país possui suas próprias leis que se contrastam com as de outros países. E se o observador volta as suas atenções mais para o Brasil, por exemplo, verifica que as leis estão sempre sofrendo alterações que deixam, aqui e ali, uma espécie de “saída”, em sua aplicação, ao jurista que a interpreta ou aplica. A lei de Deus é sábia e imutável, porque o Criador é justo e nunca se engana.

Só a título de reflexão: Quantos são os mundos que preenchem o espaço universal? Ninguém sabe. Ninguém os contou nem poderá contar. Somente Deus conhece a sua Criação, e a cada um de nós. E muito longe está o homem planetário de qualquer juízo a esse respeito. Mas, na Terra, os homens de ciência ainda têm dúvida até quanto à habitabilidade dos mundos! Tempo houve, e não está tão distante, em que os doutos teólogos dogmatizavam que o nosso pequenino planeta era o centro do Universo!

São muitas as leis, sim. Mas é como se uma única lei existisse e toda a harmonia universal, nos planos materiais e espirituais, lhe estivesse subordinada. Entre os homens, porém, vez por outra alguém se deixa surpreender por um fenômeno na ordem física, estuda-o, dá-lhe *seu* nome e tenta explicá-lo, catalogando-o, na dinamização do progresso. Assim aconteceu a Arquimedes ao descobrir, um dia, a *lei* da hidrostática; a Pitágoras, na observação de um triângulo retângulo, que *lhe* recebeu o nome; a Newton que, diante da queda de uma maçã, descobre a *lei* da gravitação, e assim por diante. Inúmeros princípios da Lei Natural de Deus os homens vêm descobrindo, na marcha do progresso, numa imensa fieira de sábios, desde Imotep, no Egito (2980 a.C.), até os dias atuais, em que já se fala da “formação do Universo a partir da teoria de uma imensa explosão: o *Big Bang!*”

Entretanto, o mais importante de tudo, a lei mais significativa de todas para o bem-estar efetivo da Humanidade, não se conseguiu, ainda, reconhecer socialmente, que é a *confraternização de todos os povos como filhos de Deus*, independentemente de raça, crença, cultura e política. Para isso, não se fez necessária nenhuma surpresa fenomenal: o próprio Criador do Universo enviou-nos, como seu representante legítimo o Cristo, com a Mensagem do Evangelho. Que fizeram dela os homens? No Ocidente, mitificaram-na em centenas de dogmas e, no Oriente, obstina-se o homem ainda, na *espera* do Messias!... “*Até quando* ex-

## Desespero, Revolta, Por Quê?

MAURO PAIVA FONSECA

O desespero e a revolta são estados temporários de insensatez, que toldam a razão e obscurecem o raciocínio; e o que é ainda mais importante: jamais oferecem soluções para erradicar as causas originadoras desses estados.

A exacerbação desses dois sentimentos poderá atingir seu clímax, com o estado colérico, precursor de conseqüências graves e imprevisíveis, ou da depressão profunda, que incapacita a criatura para a reação libertadora.

A fim de superar tais situações, indispensável buscar, através do raciocínio, os conhecimentos sobre as origens dos acontecimentos da vida. Para isso, necessário considerar, previamente, que o acaso não existe! Que a todos acontecimentos presidem razões lógicas e justas. Que Deus, infinito amor, bondade e justiça, nenhum interesse tem em punir, castigar ou fazer sofrer suas criaturas; Ele preside o curso da vida no Universo através de leis perfeitas, invariáveis e automáticas.

A lógica e justiça imprimidas aos acontecimentos da existência não poderão, evidentemente, estar circunscritas ao âmbito de uma única existência da alma.

Dentre as leis que presidem a vida, destaca-se, como mais diretamente ligada ao nosso assunto, a Lei de Causa e Efeito, segundo a qual toda causa gera um efeito que lhe é correspondente, determinando que da natureza da causa dependa a natureza do efeito.

É com base nesse conceito que Jesus adverte: “A sementeira é livre, mas a colheita é obrigatória.” Ninguém que plantou urtiga poderá colher rosas!

Este raciocínio mostra que cada um é o arquiteto do próprio destino, construindo com o livre-arbítrio dos pensamentos, palavras e atos a liberdade dos justos, ou o cativeiro dos devedores, a calma dos pacíficos, ou a angústia dos aflitos, a treva, ou a luz para iluminar o próprio caminho.

O desesperado e o revoltado não percebem este fato, e invariavelmente buscam um responsável, culpando tudo e todos por sua desventura. Porém, se examinassem com isenção de ânimo a situação que os infelicita, perceberiam que “não paga o justo pelo pecador”, por isso ninguém será obrigado a pagar o que não deva, e que os seus sofrimentos são causados pelo mau uso que hajam feito da liberdade concedida pelo Criador às suas criaturas.

O que acontece, via de regra, é que, habituado ao menor esforço, o homem busca, à sua volta, os recursos que o possam livrar do confronto com as suas privações, com a própria consciência, negligenciando a imperiosa necessidade dos esforços que deverá envidar por sua libertação espiritual.

Sendo o pensamento a matriz dos atos da vida, deverá estar sempre sob permanentes e intensos cuidados, pois vivemos imersos num oceano de energias resultantes dos pensamentos dos que nos cercam, com os quais poderemos nos sintonizar, atraindo-os, e, dependendo da sua natureza, sofrendo-lhes as influências, boas ou más.

Claro está que ninguém deverá acomodar-se no conformismo inerte, pois a encarnação será sempre uma nova oportunidade de luta, de trabalho renovador, de esperanças futuras, que jamais deverão ser desprezadas, ou substituídas pelo desespero e pela revolta, que nada realizam, nada constroem, e apenas retardam o progresso, ceifando a paz e a serenidade na vida dos homens.

Desespero e revolta são, assim, graves desrespeitos à suprema justiça e infinita bondade de Deus, que cria a todos livres para fazerem dessa liberdade o uso que lhes aprouver, determinando, todavia, que a cada um será concedida a quota de felicidade proporcional aos esforços empregados no rumo da própria evolução: “A cada um, conforme suas obras.” ●

## Esflorando o Evangelho – Emmanuel

### No Futuro

*E não mais ensinará cada um a seu próximo, nem cada um a seu irmão, dizendo: Conhece o Senhor! porque todos me conhecerão, desde o menor deles até ao maior.*

– Paulo. (Hebreus, 8:11.)

Quando o homem gravar na própria alma  
Os parágrafos luminosos da Divina Lei,  
O companheiro não repreenderá o companheiro,  
O irmão não denunciará outro irmão.  
O cárcere cerrará suas portas,  
Os tribunais quedarão em silêncio.  
Canhões serão convertidos em arados,  
Homens de armas volverão à sementeira do solo.  
O ódio será expulso do mundo,  
As baionetas repousarão,  
As máquinas não vomitarão chamas para o incêndio e para a morte,  
Mas cuidarão pacificamente do progresso planetário.  
A justiça será ultrapassada pelo amor.  
Os filhos da fé não somente serão justos,  
Mas bons, profundamente bons.  
A prece constituir-se-á de alegria e louvor

E as casas de oração estarão consagradas ao trabalho sublime da fraternidade suprema.

A pregação da Lei

Viverá nos atos e pensamentos de todos,

Porque o Cordeiro de Deus

Terá transformado o coração de cada homem

Em tabernáculo de luz eterna,

Em que o seu Reino Divino

Resplandecerá para sempre. •

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. Pão Nosso. 20. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2001, cap.41, p. 93-94.

# Perdidos no Tempo e no Espaço?

MAURO PAIVA FONSECA

## CHEGADOS OS TEMPOS

**A**nunciados por Jesus, eis que os tempos são chegados: e a par das catástrofes físicas no planeta, e certos acidentes envolvendo, em dramas contundentes, um número imenso de criaturas – há também as catástrofes morais decorrentes da inversão de valores, exemplificada pela sexolatria, pelo consumismo, e pelo fenômeno chamado de *naturalização*, que nos “acostumou” a ver guerras, assassinatos, descaso, indiferença e desvalorização da vida, exploração econômica, a infância desprotegida, o pauperismo das massas, a velhice desamparada, o desemprego, o flagelo de enfermidades endêmicas e epidêmicas, as drogas, leis ineptas, para citarmos apenas algumas facetas mais trágicas do mundo moral em nosso século.

Nada que seja estranho ao quadro apresentado à magnífica clarividência mediúnica de João Evangelista, quando exilado em Patmos; por isso mesmo descreveu sua visão profética intitulando-a com o termo grego *apokalypsis*, que significa revelação.

Tudo isso aliás já fora antecipado por Jesus, anotado por Mateus (20:1-14), Marcos (13:1-13) e Lucas (21:5-19) quando o Cristo – respondendo às perguntas que lhe fizeram os discípulos acerca do seu advento, do fim do mundo e dos respectivos sinais anunciadores – falou de guerras e agitações, terremotos e dores, pestes e fome, lassidão moral, perseguições e falsos profetas, ódios e falta de caridade, mas também de assistência espiritual, da sustentação de Deus, de paciência, amor, confiança e perseverança...

É sabido que as palavras de Jesus visavam a manter a Humanidade alerta diante dos acontecimentos inelutáveis que viriam a desdobrar-se no curso ordinário dos séculos. O texto denota ocorrências que sugerem, *pela letra*, o fim do planeta, mas o subtexto remete-nos à dimensão transcendente do discurso do Cristo, que segundo o espírito, em verdade, refere-se a fase de progresso, depuração e transformação da Terra e da Humanidade. Até porque, se assim fosse, que sentido teria o iluminado Sermão da Montanha, no qual Jesus prometeu a Terra como herança aos mansos e pacíficos?

## MUNDO MORAL E MUNDO FÍSICO

Vê-se aí nitidamente a confusão entre o mundo moral e o mundo físico, que responde, aliás, pela dificuldade de compreensão da natureza do mal e suas manifestações na chamada realidade objetiva. A presente discussão sobre esse entendimento distorcido não deixa de contemplar, naturalmente, o postulado da Astrofísica, antecipado em 1857 em *O Livro dos Espíritos*<sup>1</sup>, de que os mundos são formados, nascem, envelhecem, contraem-se, “morrem”, explodem e renascem, numa incessante recriação. Kardec assevera, em *A Gênese*<sup>2</sup>, que é imperativo afastar qualquer idéia de capricho, por inconciliável com a sabedoria divina, e considerar que a realização de certas coisas tem uma razão de ser na marcha do conjunto.

## O TEMPO

Ao pedirem a Jesus que lhes indicasse os sinais de quando aquelas coisas iriam cumprir-se, os discípulos evidenciaram a dificuldade humana de lidar com o tempo, inassimilável pelo homem se não estiver referenciado ao espaço, eis que seres, em nosso nível evolutivo, estamos circunscritos numa “prisão tempo-espaço”. O homem só entende o tempo se puder balizá-lo com referência a eventos ocorridos no espaço. Por isso os discípulos pediram ao Cristo que indicasse os sinais, no espaço, de quando, no tempo, aquelas coisas iriam cumprir-se.

A questão evidentemente não é nova. Um rápido olhar da Antropologia informa que os conceitos de tempo e espaço, como os concebemos hoje, não existiram nos estágios iniciais do conhecimento humano. Para o homem primitivo havia tão-somente o espaço concreto, estruturado; seu intelecto ainda não trabalhava os conceitos e a sua noção de tempo, mesmo se pensada na divisão passado-presente-futuro, tinha contornos difusos.

Ainda hoje há uma relutância do homem em reconhecer o tempo como uma percepção; essa circunstância responde pela dificuldade de entender, com Kant, o tempo como um modo de percepção, e com Einstein, a Teoria Geral da Relatividade. Isto porque nossos conceitos de tempo e espaço estruturam-se respectivamente sobre uma ordem possível de eventos ou de coisas, dependendo portanto de um observador para captá-los de um certo ângulo ou perspectiva, e subordinam-se, assim, à posição desse observador em relação a tudo o mais que o cerca. Exemplo disso são o tempo dos astrônomos e o tempo histórico; este padece do equívoco – registrado pelo Espírito Humberto de Campos em *Crônicas de Além-Túmulo*<sup>3</sup> – de Frei Dionísio que, no século VI, anotou, com diferença de cinco anos, o nascimento do Cristo no ano de 754, em vez do ano 759, como

atestam também historiadores e astrônomos.

A contagem do tempo na civilização da Terra, independentemente do erro humano de Frei Dionísio e dos critérios científicos dos astrônomos, está submetida ao movimento do planeta, inferindo-se daí, então, que não pode haver um tempo igual, uniforme para todos os sistemas. Ele está, portanto, em sistemas isolados e tem a natureza de cada um deles; e como em todos os universos, tanto macro quanto micro, tudo é sistema, a intemporalidade absoluta, a eternidade como conceito extremado e perfeito é imaginável apenas em Deus. Deus está – ou é – além, ou acima do tempo e do espaço, conhece e sabe tudo, como se comprova em *O Livro dos Espíritos*.<sup>4</sup> Mesmo o homem, aprisionado na gaiola espaço-temporal, eventualmente transpõe essas dimensões-limitações e viaja até o futuro nas premonições e pressentimentos, e até o passado, em regressões induzidas ou não.

No livro IV de sua *Física*, Aristóteles concebe o tempo como uma quantidade contínua formada de passado-presente-futuro, como um todo; embora não se saiba se são apenas rótulos, a formulação é coerente com a lógica aristotélica segundo a qual ser divisível é próprio da essência de uma quantidade. O tempo é o número, a medida do movimento segundo a razão, o aspecto, do “antes” e do “depois”, enquanto o espaço é definido como sendo o limite do corpo. Admitidas essas concepções como relações de substâncias, fenômenos, fica evidente que fora do mundo não há espaço nem tempo, e os vazios são impensáveis.

Em *A Gênese*<sup>5</sup> e em *O Livro dos Espíritos*<sup>6</sup> Kardec didaticamente recorre à imagem de um homem colocado no cume de uma alta montanha, observando o viajor que percorre uma estrada pela primeira vez e ignora que perigos terá que enfrentar e que tipo de terreno acidentado terá de vencer. “Quanto à duração, mede-a pelo tempo que gasta em perلustrar o caminho. Tirei-lhe os pontos de referência e a duração desaparecerá (...)”<sup>7</sup>, como desaparece para o homem que está em cima da montanha.

A afirmação definitiva em relação ao assunto encontra-se no frontispício que Kardec após ao livro *A Gênese*: “Para Deus, o passado e o futuro são o presente.”<sup>8</sup>

## O ESPAÇO

Para Descartes a extensão é a propriedade essencial, atributo da substância material, a determinar-se na figura, no movimento etc. (seriam os modos da matéria) enquanto o pensamento é a propriedade essencial do espírito, a determinar-se no conhecimento, na vontade (seriam os *modos* do espírito).

Diversamente de Aristóteles, Kant afirma que tempo e espaço não são determinações objetivas, relativas a coisas reais e sim relações, modos subjetivos – ainda que universais – de perceber e ordenar o sensível múltiplice: não derivam de sensações nem de coisas, são formas constitutivas *a priori* do espírito.

Mas o estágio de compreensão da Humanidade hoje espelha a formulação da metafísica clássica, helênica, de que o universo está *cheio* de coisas, extensas e mutáveis: cada coisa extensa tem o seu espaço, cada coisa móvel tem o seu tempo.

No campo da Ciência, no entanto – apesar de usar método diferente do da Filosofia – engendra-se a preparação do movimento de compreensão das potencialidades humanas que deverão desenvolver-se neste novo milênio, representa-

do superlativamente pelo relativismo espaço-temporal de Einstein.

Um outro aspecto dessa cogitação é a confusão entre o *espaço* cartesiano e o espaço psicológico ou, como desdobramento, o *espaço* moral-psicológico, em ambos os planos da vida. Lembramos, a favor do assunto, o acontecido com um desencarnado e com um encarnado.

Kardec perguntou ao Espírito Lemaire, catalogado em *O Céu e o Inferno*<sup>9</sup>: “Onde vos achais agora?”, e Lemaire respondeu: “Estou no meu sofrimento.” Fica evidente que o Espírito não decodificou a palavra *onde* como espaço cartesiano; como seu estado vibratório era o do sofrimento, Lemaire estruturou a resposta a partir do seu *espaço* moral-psicológico, que é lugar virtual, não-cartesiano.

## O ESPÍRITO EM EVOLUÇÃO

O processo evolutivo educa o homem a ir-se libertando da matéria, e, portanto, do espaço; concomitantemente vai-se libertando também do tempo, porque o homem espacializa o tempo. Por isso é-nos um tanto difícil entender como os Espíritos Orientadores da Humanidade não se dividem – no espaço – mas irradiam-se! Kardec anotou<sup>10</sup> que o Espírito percorre o espaço com a rapidez do pensamento e ao transportar-se de um a outro lugar pode ter consciência da distância que percorre e dos espaços que atravessa, e pode também ser subitamente transportado ao lugar aonde deseja ir; a distância pode desaparecer completamente, dependendo isso da vontade do Espírito, já que ele não pode dividir-se, porque é um centro que irradia para diversos lados: isso faz com que um Espírito pareça estar em muitos lugares ao mesmo tempo. Um Mentor Espiritual pode estar em uma cidade ou país e simultaneamente aparecer em outra cidade ou país pela projeção de sua força mentomagnética, que prescinde do espaço e transcende o tempo convencional.

Até algumas décadas atrás, tentava-se entender isso como exercício de abstração, porque a uma criatura em nosso nível evolutivo é praticamente impossível abstrair-se do espaço e conseqüentemente do tempo. Numa perspectiva histórica, aplicando-se o raciocínio à situação do telefone, foi-se tornando possível o entendimento de “encurtar-se” a distância, o espaço, ligando-se, por exemplo, do Rio de Janeiro para Salvador ou Londres, *encurtando-se* também o tempo. Até há poucos anos, para nos comunicarmos precisávamos escrever uma carta e ir ao Correio (espaço) e aguardar (tempo) a entrega da correspondência (vencendo o espaço). Hoje, na era da informática, e com o advento da Internet, enviamos *e-mail*, escaneamos imagens, ou seja, *transportamos* imagens de um para outro tipo de “espaço”, e literalmente, em uma fração de segundo, a mensagem ou informação chega ao destino, encurtando-se o tempo e o espaço de uma forma antes inimaginável, como acontece também quando vivemos uma surpreendente simultaneidade (até onde se pode viver isto em nossa atual condição evolutiva); de repente, “*estamos lá*”, condição evolutiva; de repente, “*estamos lá*”, virtualmente, na guerra ou no concerto, no museu ou na biblioteca. “Encontrei Fulano *on line* outro dia”, disse-nos uma jovem.

Estes são indícios de que atualmente vivemos a pleno vapor o processo educativo que está promovendo o homem regenerado, mais moralizado, e portanto menos materializado – certamente já mais familiarizado com uma espécie de *encolhimento* do tempo e do espaço, e talvez já menos circunstanciado na dimensão espaço-temporal.

É o descortino do nosso entendimento no que diz respeito à condição de nos-



soos Mentores que não se circunscrevem, como nós, à dimensão espaço-temporal. Nós estamos a caminho. Após a compreensão virtual, seguimos para a vivência do espaço.

### NENHUMA OVELHA FICARÁ TRESMALHADA

Ora, como todos sabemos, o mundo moral é virtual, e é principalmente esse mundo que se vai transformando. No campo das relações matéria-espírito – algumas delas para nós ainda desconhecidas – o mundo físico em que estamos encarnados apresenta-se como contraponto ao mundo moral: expele, com vulcões e terremotos, furacões e maremotos, a violência de sua intimidade geológica, ao tempo em que o homem, no fluxo incessante e inelutável do progresso, é convidado a fazer o mesmo, expelindo sua violência, sediada no mundo moral. O chamado fim dos tempos abrange assim o ritmo da evolução que cosmicamente se distende na Terra num horizonte de tempo cronológico, convencional, que compreende décadas, e também no horizonte moral, na instância do humano, sendo portanto duração no sentido bergsoniano, por revestir-se de fluxo, ritmo psicológico.

Do ponto de vista físico, a nossa Terra, com essa configuração de violentos espasmos geológicos, é que se está despedindo do cenário de nosso sistema como palco de expiações e provas; essa configuração sim, descrita e anunciada por Jesus, é que deixará de existir – não em um dramático e único momento mas gradativamente, como já estamos percebendo, porque a Natureza não dá saltos, como ensinaram Aristóteles e Leibniz: *Natura non facit saltus* – para dar lugar à Terra regenerada, em novo patamar vibratório, mais branda e pacífica, compatível com as exteriorizações do homem regenerado.

As novas dimensões do conhecimento, que se oferecem a partir de agora no mundo, são as dimensões do Espírito imortal. Se o tempo cronológico é sempre o mesmo, o psicológico varia, segundo nossas aquisições espirituais nos vários planos conscienciais: esses são conceitos-chave para entendermos nossa estada na matéria e nosso grande vôo rumo à Consciência, que depois de absorver e dominar o tempo, e conseqüentemente o espaço, alcançará o patamar da Superconsciência.

Cumpra-nos não esquecer: Jesus está cuidando do patrimônio que prometeu aos brandos e pacíficos. ●

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

<sup>1</sup> KARDEC, ALLAN. O LIVRO DOS ESPÍRITOS. 81. ED. RIO DE JANEIRO: FEB, 2001. PERGUNTA NO 41.

<sup>2</sup> \_\_\_\_\_. A GÊNESE. 40. ED. RIO DE JANEIRO: FEB, 2001, CAP. XVIII.

<sup>3</sup> XAVIER, FRANCISCO CÂNDIDO. CRÔNICAS DE ALÉM-TÚMULO, PELO ESPÍRITO HUMBERTO DE CAMPOS, 12. ED. RIO DE JANEIRO: FEB, 1991, CAP. XV.

<sup>4</sup> KARDEC, ALLAN. O LIVRO DOS ESPÍRITOS. 81. ED. RIO DE JANEIRO: FEB, 2001. PERGUNTA NO 871.

<sup>5</sup> \_\_\_\_\_. A GÊNESE. 40. ED. RIO DE JANEIRO: FEB, 2001, CAP. XVI.

<sup>6</sup> \_\_\_\_\_. O LIVRO DOS ESPÍRITOS. 81. ED. PERGUNTA NO 266 NOTA. RIO DE JANEIRO: FEB, 2001.

<sup>7</sup> \_\_\_\_\_. A GÊNESE. 40. ED. RIO DE JANEIRO: FEB, 2001, CAP. XVI, ITEM 2.

<sup>8</sup> \_\_\_\_\_. IDEM.

<sup>9</sup> \_\_\_\_\_. O CÉU E O INFERNO. 34. ED. RIO DE JANEIRO: FEB, 1987. 2ª P ARTE, CAP. VI.

<sup>10</sup> \_\_\_\_\_. O LIVRO DOS ESPÍRITOS. 81. ED. RIO DE JANEIRO: FEB, 2001. PERGUNTAS NOS 89, 90, 92.

# Evolução

Se devassássemos os labirintos  
Dos eternos princípios embrionários,  
A cadeia de impulsos e de instintos,  
Rudimentos dos seres planetários;

Tudo o que a poeira cósmica elabora  
Em sua atividade interminável,  
O anseio da vida, a onda sonora,  
Que percorrem o espaço imensurável;

Veríamos o evolver dos elementos,  
Das origens às súbitas ascenses,  
Transformando-se em luz, em sentimentos,  
No assombroso prodígio das esteses;

No profundo silêncio dos inermes,  
Inferiores e rudimentares,  
Nos rochedos, nas plantas e nos vermes,  
A mesma luz dos corpos estelares!

É que, dos invisíveis microcosmos,  
Ao monólito enorme das idades,  
Tudo é clarão da evolução do cosmos,  
Imensidade nas imensidades!

Nós já fomos os germes doutras eras,  
Enjaulados no cárcere das lutas;  
Viemos do princípio das moneras,  
Buscando as perfeições absolutas.

Augusto dos Anjos

# A FEB e o Esperanto

## Reações a Privilégios Lingüísticos na ONU

AFFONSO SOARES

**E**MBAIXADORES DE 20 PAÍSES DE LÍNGUA ESPANHOLA JUNTO ÀS NAÇÕES UNIDAS FIRMARAM O DOCUMENTO ABAIXO TRANSCRITO, O QUAL EVIDENCIA A DIMENSÃO DO PROBLEMA LINGÜÍSTICO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS, TANTO MAIS ONEROSO, MATERIAL E ESPIRITUALMENTE, QUANTO MAIS AS SOLUÇÕES CONSAGREM INJUSTOS PRIVILÉGIOS A NAÇÕES, OU GRUPOS DE NAÇÕES. A FONTE ORIGINAL DO TEXTO É A MISSÃO PERMANENTE DA ESPANHA NAS NAÇÕES UNIDAS –

[HTTP://WWW.SPAINUN.ORG/  
PAGES/SPANISHATUN.CFM.](http://www.spainun.org/pages/spanishatun.cfm)

*Excelentíssimo Senhor Kofi Annan  
Secretário-Geral da Organização  
das Nações Unidas  
Nova Iorque*

*Senhor Secretário-Geral,*

*Dirigimo-nos a Vossa Excelência em representação dos países de fala castelhana, membros das Nações Unidas, para manifestar-lhe nossa preocupação pela desastrosa evolução que tem tido o serviço de informação pública em espanhol dentro da estrutura da Organização.*

*Essa evolução negativa é mais uma manifestação do desequilíbrio crescente que se está produzindo, no conjunto do sistema das Nações Unidas, entre os diferentes idiomas oficiais e de trabalho, assim como da tendência de privilegiar o uso de um só idioma no seio das secretarias dos organismos desse conjunto.*

*Os países de nossa comunidade lingüística também constatamos e lamentamos a existência dessa tendência, tanto na redação e difusão de importantes publicações como na própria negociação de resoluções e decisões nos organismos diretivos, bem como, por vezes, nas relações de algumas secretarias com os Estados-Membros.*

*É por demais sabido que o espanhol, junto com outras línguas, desfruta do caráter legal de idioma oficial para a Assembléia Geral, o Conselho de Segurança e o Conselho Econômico Social (ECOSOC). Nesse sentido, a Assembléia Geral solicitou, de maneira expressa, que ao idioma espanhol, como aos outros de caráter oficial, se outorgue um tratamento igualitário na área da informação pública. Lamentamos, porém, informar que assim não vem acontecendo, como o prova o conteúdo da página da Organização na Internet, o qual tem-se consolidado como uma das manifestações mais evidentes da falta desse tratamento aos idiomas oficiais. O abismo entre a informação pública disponível em espanhol e aquela em inglês é crescente, como reconhece o informe recente de Vossa Excelência, di-*

vulgado com o título de *Permanente ampliação, conservação e aperfeiçoamento do sítio plurilíngüe das Nações Unidas na Web* .

*Tal situação preocupa e alarma a nós que representamos, na Organização, vinte países-membros onde o espanhol é a língua nacional. O espanhol é hoje, além de um dos seis idiomas oficiais da ONU, uma língua internacional falada em todo o mundo por aproximadamente 400 milhões de pessoas, conjunto que, de acordo com as previsões demográficas, irá elevar-se a 550 milhões no ano de 2050. Além disso, é um idioma que já conta com a presença de 21 milhões de usuários na Internet, onde o crescimento é exponencial.*

*A experiência dos últimos anos tem-nos levado à convicção de que a Organização ainda está longe de cumprir a decisão (A.52/734) da Assembléia Geral segundo a qual se pede que os textos de todos os novos documentos públicos e os materiais informativos das Nações Unidas sejam postos diariamente à disposição do público, nos seis idiomas oficiais, através dos sítios das Nações Unidas na Internet .*

*Queremos solicitar seu empenho para que, sem nenhuma demora, sejam adotadas as medidas necessárias a remediar o alarmante crescimento do desequilíbrio entre os idiomas oficiais das Nações Unidas em todas as esferas em que tal desequilíbrio se vem manifestando, e, concretamente, no sentido de que seja aplicado de forma rigorosa o regime lingüístico vigente na Organização para a informação pública, estabelecendo-se, com esse objetivo, seções de espanhol, com o pessoal e os meios adequados, tanto no Departamento de Informação Pública como no serviço de notícias e, em geral, em todos os departamentos autorizados a publicar informação oficial das Nações Unidas na Internet.*

*A prática real e permanente do multilingüismo deve ser uma constante no trabalho diário de nossa Organização. Trata-se não apenas de uma questão de princípios, mas de uma forma efetiva para que a ONU se apresente como uma instituição global e verdadeiramente representativa do mundo em seu conjunto.*

*Agradecendo antecipadamente a atenção que seja dada a nossas petições, reiteramos a Vossa Excelência a certeza de nossa distinta consideração.*

*Atenciosamente,... (seguem-se as assinaturas).*

...

Não obstante declarar-se empenhado em dar tratamento igualitário aos 6 idiomas oficiais da ONU (inglês, francês, espanhol, russo, árabe, chinês), o Secretário-Geral Kofi Annan reconhece as tremendas dificuldades de uma tal iniciativa, a exigir o aporte de recursos adicionais, máxime de ordem financeira, com que se sustente um verdadeiro exército de intérpretes, tradutores e funcionários com diversa qualificação, sem falar nos gastos com aparato eletrônico, material de impressão, etc.

Além disso, a própria filosofia da Organização, no delicado campo das comunicações internacionais, impede que se atinja uma solução que ao mesmo tempo contemple justiça e economia, pois a ONU tem como princípio justamente o oneroso, pouco eficaz e, muitas vezes, prejudicial multilingüismo. Pela falta de dinheiro, sacrifica-se o princípio para se privilegiar uma prática monolingüista injusta e antidemocrática, com a óbvia prevalência do idioma do grupo que detém o poder, no caso o inglês, por enquanto... *Quosque tandem?...*

Como está evidente, a própria força das coisas conduz ao Esperanto, faltando apenas que se veja com olhos de ver e se ouça com ouvidos de ouvir. ●

# Esperanto

*O Esperanto mensageiro  
De encantados tempos novos  
Erguerá nações e povos  
Do campo de lodo e pó.  
Da Harmonia timoneiro,  
Que os portos da paz descerra,  
Libertará toda a Terra,  
Na glória de um mundo só!*

*Vemo-lo já, no futuro,  
Fulgente, impávido e forte,  
Vencendo a miséria e a morte,  
Luz fraterna em sendas mil!  
Chave de amor santo e puro,  
Abrirá caminhos grandes,  
Do altivo Himalaia aos Andes,  
Da Cochinchina ao Brasil.*

*Nessa eminência sublime  
Do mundo regenerado,  
Não haverá Jove irado,  
Cujos carros fugirão;  
Nem Babilônias do crime  
Bebendo em festins sangrentos,  
Nem purpúreos paramentos  
De senhores da ilusão.*

*Seus luzidos estandartes  
Brilharão no mundo inteiro,  
Abolindo o cativoiro  
A que a maldade conduz;  
Convertendo os Bonapartes  
Em benfeitores amados,  
De canhões forjando arados,  
De balas penas de luz!*

*Hífen de sol, religando  
Os Templos da Humanidade,  
Da grande fraternidade  
Fazendo virtude e lei;  
Orgulho triste e nefando,*

*Que torvas guerras produzes,  
Espadas, fuzis, obuses,  
Mentiras, trevas tremei!*

*Na Terra inda há sombra inglória  
Da noite do mundo velho,  
Embora seja o Evangelho  
O Amor que do Alto reluz!  
No limiar da vitória  
Das verdades do Infinito,  
Esperanto! Sê bendito  
Ao doce olhar de Jesus!*

A. Castro Alves

(Recebido pelo médium Francisco Cândido Xavier, na sessão pública do Grupo Espírita Luiz Gonzaga , em 26-5-1947.)

Fonte: Reformador de agosto de 1947, p. 177.

## A Raiva Destruidora

ADÉSIO ALVES MACHADO

O homem aprende à custa de muita dor e sofrimento a cuidar do corpo, após conhecer (ou ignorar) a variedade, podemos afirmar, infinita de vermes, bactérias, vírus e micróbios infelicitadores da sua vestimenta carnal.

Desconhece, no entanto, tudo quanto infelicitava a alma, os “bacilos” pestilenciais, causadores de tantos males e distúrbios, cuja patogênese se acha nela própria.

Nesta oportunidade, iremos deter-nos, um pouco que seja, nesse “bacilo” que é tão nosso conhecido, encontrado com tanta freqüência nas camadas nervosas mais sutis do psiquismo humano. Está alojado lá, e resiste a todos os apelos do bom senso, da medicina terrena e espiritual, malgrado seja a causa de tantas experiências dolorosas que infelicitam a condição somática do ser. Queremos referir--nos à raiva.

Antes de prosseguirmos, notemos onde ela, raiva, se estriba para intoxicar todo o cosmo neurológico da criatura. A raiva somente assoma à periferia da criatura porque o orgulho, instalado no seu interior, foi atingido duramente. Fosse ela humilde, a raiva não teria como se plantar e espraiar-se por toda a sua estrutura.

A raiva tem a sua raiz na forma de julgar as situações e os fatos. Escolhemos, impomos e também fantasiemos determinado padrão de comportamento, modelando-o de acordo com o nosso ponto de vista. Se a pessoa tem ou não conhecimento desse padrão, para nós pouco importa.

Não corresponder às expectativas das pessoas é motivo para terem raiva de nós, malgrado sejam as expectativas irreais e irrealizáveis.

A mãe de uma menina tinha-lhe raiva por ela não ser loura, e um pai exigia que a filha relatasse, com minúcias, grandes tragédias sem mexer as mãos e sem alterar o tom de voz. Não ser atendido em seu desejo o deixava raivoso. Estes dois casos foram relatados pelo Dr. Brian Weiss no seu livro *A Divina Sabedoria dos Mestres*, da GMT Editores Ltda. Dois relatos que mostram até onde chega a doença espiritual motivada pela raiva.

É bem verdade que os casos acima são mais raros, ou pelo menos somente nos consultórios de psicanalistas, psiquiatras, psicoterapeutas eles chegam ao conhecimento. Os demais motivos de provocação da raiva vividos pelo ser humano são bem conhecidos de todos. A irritação é o estopim. Aceso, fica incontrolável.

Voltando ao “relacionamento pais e filhos”, importa que possa existir um reconhecimento recíproco de que alguém incorreu em erro após se agredirem verbalmente. Consertar a atitude errada é próprio de almas enobrecidas pela humildade.

Os pais que são cultivadores de motivos para sentir raiva, costumam exigir demasiadamente dos filhos, provocando trauma nestes, mais cedo ou mais tarde. É costume os pais exigirem de seus filhos que sejam produtivos e inteligentes como eles são, ou, em outros casos, gostariam de ter sido. Nessas horas, os pais se realizam em cima dos filhos. É um grande erro porque sabemos, segundo a Doutrina Espírita e a reencarnação, que nossos filhos são herdeiros de si mesmos, trazem para o hoje o que foram ontem. Exigir dos filhos o que eles não possuem traumatiza-os, torna-os insatisfeitos e daí para o conflito no relacionamento é um passo.

Conhecemos certo pai que chegou ao absurdo de não ir ao casamento da filha, não ajudou nada nas despesas desse evento, e culminou o seu despreparo paternal quando, ao ser indagado por alguém da família se iria ao casamento, respondeu com outra pergunta: “Mas que casamento”? Outro pai obriga o filho de vinte anos a ser tão diligente e entendido de negócios como ele próprio, chegando ao absurdo de despedir o filho como se ele fora um empregado qualquer, deixando-o desempregado e tendo que se sustentar. O salário que pagava ao filho era um míngua salário-mínimo de R\$ 130,00.

Espíritas que somos, é muito importante que olhemos os filhos como Espíritos que na verdade são, estejam em qualquer fase de crescimento.

Outro motivo de raiva é a preocupação com o que pensam de nós. Não nos importemos com isso, desde que estejamos fazendo o que nos parece certo, agindo sem prejudicar ninguém. Assim procedendo evitamos a instalação da raiva em nós.

Culpar-nos e ficar girando mentalmente em torno da raiva por haveremos errado é uma forma trágica de ter raiva de nós mesmos. Nunca nos culpemos, doentamente. Uma coisa é reconhecer o erro, prometer não incidir nele; outra, bem diferente, é permitir encharcar-se do sentimento de culpa, da monoidéia culposa e cultivá-la. A criatura está sujeitando-se a todas as suas seqüelas; uma delas a obsessão, a participação perniciososa, infecciosa de mentes doentias na casa mental do raivoso.

O desapontamento leva à raiva de nós mesmos. Duas atitudes existem para o desapontamento: perseverar ou desistir. Cabe analisar a causa do desapontamento e de forma detalhada, consciente, sem paixão.

A raiva, como vamos percebendo, é perniciososa, inútil, destrutiva. Somente pode ser dissolvida pela compreensão e pelo amor.

O Dr. Brian Weiss narra outro caso de muita beleza, no livro supracitado, que lhe foi contado por uma avó. A neta de quatro anos era sistematicamente agredida pela outra mais velha. Reagia, no entanto, assim: “Não faz isso comigo, não. Eu sou sua irmãzinha e fico triste com seu modo de me tratar!” Afirmou a avó que, passado algum tempo, a mais velha de suas netas mudou o comportamento diante da reação amorosa da mais nova.

Quando sentirmos raiva, perguntemos se ela resolve a questão que nos aborrece. Veremos sempre que não. Pelo contrário, sempre prejudica. Por quê? Ora, a raiva é sintoma de estresse que provoca uma mudança do nosso ritmo cardíaco, da pressão sanguínea e dos níveis de açúcar no sangue, ocasionando desequilíbrio fisiológico.

É aconselhável que, ao sentirmos raiva, respiremos profundamente, tentemos descobrir os motivos que a desencadearam e busquemos como resolver a questão. Com toda a certeza desaparecerá o apego à raiva. Isto tem a sua razão de ser porque existem criaturas que são verdadeiras fomentadoras da raiva, cultivam-na, só sabem viver sob a sua influência. Agem e falam sempre com raiva. Nestas criaturas a doença não demora a instalar-se.

Quem ama não sente raiva, porque o amor é o seu antídoto. A raiva somente se apropria de quem não ama. O ritmo vibratório de quem ama é eficaz eliminador de qualquer emoção nociva desequilibrante. Dissolve-a, antes dela instalar-se.

É difícil um sistema imunológico resistir por muito tempo a quem constantemente se irrita, se enraivece. A desarmonia vibratória logo explode nas paredes do estômago, nos vasos sanguíneos do coração e da cabeça e vai por aí fora destruindo toda reserva de resistência interior do organismo. O ser humano não sabe que é o seu emocional em desequilíbrio que lhe provoca tanta dor e sofrimento, tanta desarmonia para viver em paz.

É notório o papel desempenhado pela mídia: o de projetar para o homem modelos de pessoas vencedoras, verdadeiros heróis possuidores da "raiva justa". São eles os Rambos, os Exterminadores do Futuro, os Ninjas, os Policiais imbatíveis, os Heróis de Ficção e toda uma gama de falsos modelos. São figuras que se vão tornando arquetípicas e forjam cada vez mais a raiva, o ódio, a frieza dos sentimentos diante da dor alheia.

São imagens em desserviço para a nossa sociedade, principalmente por impressionarem fortemente a formação das crianças, as quais, em boa maioria, não encontram em seus lares, com raras exceções, os bons exemplos de amor ao próximo.

No fundo, a raiva só possui uma função: destruir-nos pelo funcionamento des-trambelhado da química do nosso sistema imunológico ou pela bala disparada por quem for alvo de nossa raiva.

Compreensão e amor, vamos repetir, destroem a raiva, trazem-nos saúde e bem-estar físico, emocional, psicológico e espiritual.

O amor é sempre um alívio para todo e qualquer tipo de dor. Ele vivido, sentido em plenitude imuniza, cria barreiras intransponíveis contra as causas e os efeitos da raiva.

Amemo-nos muito, mais um pouco, em nome e por amor a Jesus, Ele que fez do que poderia ser a sua dor, a sua raiva, um hino de Amor para a Humanidade. •



# Ciência do Infinito

GEBALDO JOSÉ DE SOUZA

*Anos são precisos para formar-se um médico (...). Como pretender-se em algumas horas adquirir a Ciência do Infinito? <sup>1</sup>*

Conta-se que um prisioneiro, por vinte anos, passou a pão e água, em local sombrio.

Um dia percebeu que a porta da prisão estivera sempre aberta. Saiu e buscou o sol, o verde, o ar puro e a liberdade! Perdera longo tempo de sua vida por falta de iniciativa!

A breve narrativa ilustra a ignorância de que somos prisioneiros, por absoluta preguiça mental.

E a porta do saber está sempre aberta! Mas nos acomodamos à “prisão”, conduta incompatível com a condição de Espíritos eternos, cuja evolução deve ser buscada consciente e prioritariamente.

É mais que tempo de procurarmos o estudo que liberta.

A Doutrina Espírita é meio adequado a essa realização, pois, bem assimilada, suaviza essa jornada de Espíritos a caminho da luz, abreviando ou eliminando dores, por favorecer-nos o entendimento das Leis Divinas.

Com muita propriedade, Allan Kardec a intitula *Ciência do Infinito*, enfatizando a necessidade de seu estudo perseverante, assíduo:

“(...) o estudo de uma doutrina, qual a Doutrina Espírita, que nos lança de súbito numa ordem de coisas tão nova quão grande, só pode ser feito com utilidade por homens sérios, perseverantes, livres de prevenções e animados de firme e sincera vontade de chegar a um resultado.” <sup>2</sup>

“Nunca (...) dissemos que esta ciência fosse fácil, nem que se pu-desse aprendê-la brincando, o que, aliás, não é possível, qualquer que seja a ciência. Jamais teremos repetido bastante que ela demanda estudo assíduo e por vezes muito prolongado.” <sup>3</sup>

Afinal, que há de tão importante nessa Doutrina, indagará o leigo, para ser assim valorizada pelos espíritas e por seu Codificador, Allan Kardec, a ponto de dedicar--se, este último, a seu estudo de divulgação, a partir de 1855, nos seus cinqüenta anos, até desencarnar, quase aos sessenta e cinco de idade, em 31 de março de 1869?

Responde ele próprio, em artigo intitulado “O que ensina o Espiritismo” <sup>4</sup> – do qual transcrevemos excertos –, publicado na *Revista Espírita*, pouco conhecida e estudada, mesmo entre os que se dizem espíritas. Pois não basta assistir a reuniões públicas e receber passes, para ser verdadeiro espírita. Indispensável estudar a Doutrina e buscar viver seus ensinamentos, aliando ao estudo o trabalho e a reforma íntima, corrigindo vícios e adquirindo virtudes. Eis suas palavras:

“1º – (...) dá (...) a prova patente da existência e da imortalidade da alma. (...)”

2º – Pela firme crença que desenvolve, exerce ação poderosa sobre o moral do homem; leva-o ao bem, consola-o nas aflições, dá-lhe força e coragem nas provações da vida e o desvia do pensamento do suicídio.

3º – Retifica todas as idéias falsas que se tivessem sobre o futuro da alma, sobre o céu, o inferno, as penas e as recompensas; destrói radicalmente, pela irresistível

lógica dos fatos, os dogmas das penas eternas e dos demônios; numa palavra, descobre-nos a vida futura e no-la mostra racional e conforme à justiça de Deus (...).

4º – Dá a conhecer o que se passa no momento da morte; este fenômeno, até hoje insondável, não mais tem mistérios; as menores particularidades dessa passagem tão temida são hoje conhecidas; ora, como todo mundo morre, tal conhecimento interessa a todo mundo.

5º – Pela lei da pluralidade das existências, abre um novo campo à filosofia; o homem sabe de onde vem, para onde vai; com que objetivo está na Terra. Explica a causa de todas as misérias humanas, de todas as desigualdades sociais; (...)

6º – Pela teoria dos fluidos perispirituais, dá a conhecer o mecanismo das sensações e das percepções da alma; explica os fenômenos da dupla vista, da visão a distância, do sonambulismo, do êxtase, dos sonhos, das visões, das aparições, etc.; abre um novo campo à fisiologia e à patologia.

7º – Provando as relações existentes entre os mundos corporal e espiritual, mostra neste último uma das forças ativas da natureza, um poder inteligente e dá a razão de uma porção de efeitos atribuídos a causas sobrenaturais, e que alimentaram a maioria das idéias supersticiosas.

8º – Revelando o fato das obsessões, faz conhecer a causa, até aqui desconhecida, de numerosas afecções, sobre as quais a ciência se havia equivocado, em detrimento dos doentes, e dá os meios de os curar.

9º – Dando-nos a conhecer as verdadeiras condições da prece e seu modo de ação; revelando-nos a influência recíproca dos Espíritos encarnados e desencarnados, ensina-nos o poder do homem sobre os Espíritos imperfeitos para os moralizar e os arrancar aos sofrimentos inerentes à sua inferioridade.

10º – Dando a conhecer a magnetização espiritual, que era desconhecida, abre ao magnetismo uma nova via e lhe traz um novo e poderoso elemento de cura.”

A moral que adota é a do Evangelho, eis que nenhuma outra existe superior à que nos trouxe Jesus, o Mestre incomparável! Traduz a Boa Nova em ações.

À vista dessa breve síntese, indagamos: tem razão, ou não, o ilustre Codificador, ao denominá-la de Ciência do Infinito? É realmente sublime roteiro de luz!

Cabe a nós abolir comodismo e preguiça mental. É dever estudá-la e compreendê-la, afeiçoando nossas vidas a seus ensinamentos. E divulgá-la com amor, para que outros se beneficiem de suas luzes, e realizem evolução consciente.

O próprio Codificador<sup>5</sup> orienta-nos sobre a seqüência em que deve ser estudada essa Doutrina libertadora: iniciar por *O que é o Espiritismo* e prosseguir, nessa ordem: *O Livro dos Espíritos*; *O Livro dos Médiuns*; *O Evangelho segundo o Espiritismo*; *O Céu e o Inferno* e *A Gênese*.

É ele ainda que nos afirma que a compreensão da teoria facilitar-nos-á a aceitação dos fatos e o entendimento de quaisquer outros ensinamentos posteriores. Começemos, assim, da base, do princípio!

O Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita e inúmeros outros cursos são ministrados nas Instituições Espíritas, graciosamente, favorecendo seu conhecimento e aprendizado. ●

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

<sup>1</sup> KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 77. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1997, Introdução, item XIII, p. 38-9.

<sup>2</sup> \_\_\_\_\_. Idem, item VIII, p. 31.

<sup>3</sup> \_\_\_\_\_. Idem, item XII, p. 38.

<sup>4</sup> \_\_\_\_\_. *Revista Espírita*. São Paulo: EDICEL. Ano de 1865, p. 222-3.

# Gotas do Infinito

PAULO NUNES BATISTA

Não somos mais que gotas do Infinito  
e pétalas do Lótus sacrossanto,  
raios da Luz Divina, sons do Canto  
da Vida com seu Ritmo bendito.

E cores do arco-íris, tons do Aflito  
Grito que vara a noite em dor e espanto.  
Não somos mais que dobras desse Manto  
que cobre o cosmos, do Anjo ao réu precito.

Somos as notas dessa Sinfonia  
feita de Luz, de Amor e de Poesia  
que leva as almas da nascente à foz...

Somos as cordas-sons dos instrumentos  
nessa Canção que a Vida entrega aos ventos  
e que fica cantando dentro em nós.

# FEB – Departamento de Infância e Juventude

## 4º Encontro Nacional de Diretores de DIJ

### ***Tema central: Evangelização Espírita infanto-Juvenil*** ***Senhor, que quereis que eu faça?***

**R**ezam as tradições espíritas – consonante aos fatos descritos em Atos dos Apóstolos (9:1-9 e 26:12-17) que na estrada de Damasco Saulo de Tarso, ainda sob o grande impacto emocional decorrente do seu encontro com Jesus, teria perguntado ao Mestre: *Senhor, que quereis que eu faça?* \*

É uma indagação poderosa, uma das mais belas e significativas registradas na história do Cristianismo, em razão da importância do momento em que foi pronunciada e dos futuros acontecimentos que marcariam a vida do grande apóstolo dos gentios. Essa pergunta está revestida de um magnetismo próprio por força das idéias que traz embutida, quando nos revela:

- o reconhecimento de quem é o senhor, pelo servo;
- a submissão do discípulo à vontade do mestre;
- a identificação da missão que aguardava o tarefeiro;
- a súplica do servidor por diretrizes orientadoras da sua missão.

Todos nós, em algum momento da nossa trajetória evolutiva, teremos que transitar pelas estradas de Damasco da vida. Chegará o momento em que nós, Espíritos em processo de aprendizado desenvolvido ao longo das inúmeras peregrinações reencarnatórias, deveremos reconhecer que Jesus é o nosso Senhor; que para sermos felizes precisamos aceitar o seu jugo; que a nossa missão consiste em servir na sua seara segundo as suas orientações de amor e verdade.

Os evangelizadores espíritas, em especial, conscientes da missão que abraçaram de serem agentes transformadores de mentalidades, servidores do Cristo na sublime tarefa de formar homens de bem, deverão, a cada serviço prestado na seara de Jesus, indagar: *Senhor, que quereis que eu faça?*

À semelhança do que aconteceu com o apóstolo Paulo, o evangelizador espírita sabe que não é suficiente dizer-se espírita, acreditando em seus princípios doutrinários. É preciso converter-se à Doutrina Espírita, e isto significa, em outras palavras, transformar-se.

O espírita que tem consciência da tarefa que escolheu ou aceitou realizar no

campo doutrinário, a exemplo dos que assumem o compromisso de evangelizar crianças e jovens, é uma pessoa transformada, que sabe valorizar o encargo que abraçou, a despeito dos sacrifícios e dos desafios que vão surgindo à sua frente.

Emmanuel nos informa que quando Saulo de Tarso foi envolvido pelas elevadas vibrações do amor de Jesus, na estrada de Damasco, o orgulhoso e culto doutor das leis judaicas curvou-se perante o Mestre, reconhecendo nele o Messias que os seus irmãos judeus esperavam. Esclarece-nos também que, no momento do encontro entre Jesus e o recém-convertido, este reconheceu todos os erros cometidos em nome da instituição judaica, e teve a antevisão do trabalho que deveria realizar na seara cristã. E, empolgado com o diálogo que acabara de ter com o Cristo, num gesto de submissão, ali mesmo fez a sua profissão de fé: *Senhor, que quereis que eu faça?*<sup>1</sup>

Paulo, enquanto doutor das leis judaicas, restringia-se apenas a mero transmissor de conhecimentos. As suas pregações nas sinagogas ou no Sinédrio, nas assembléias dos anciãos, refletiam o brilhantismo e o conhecimento que possuía. Doutor da Lei, foi o notável instrutor dos preceitos doutrinários judaicos. Foi, porém, como educador dos gentios e de judeus que se tornou Paulo, o valoroso divulgador do Cristianismo.

Situação semelhante é encontrada no Movimento Espírita. Existem confrades que em suas explanações escritas ou verbais revelam possuir consolidada bagagem doutrinária. No entanto, ao desenvolverem a sua tarefa, nem sempre se revelam bons educadores, uma vez que não refletiram mais aprofundadamente sobre os conceitos de instrução e de educação. *Instruir é ilustrar a mente com certa soma de conhecimentos sobre um ou vários ramos científicos. Educar é desenvolver os poderes do Espírito, não só na aquisição do saber, como especialmente na formação e consolidação do caráter.* Neste contexto, percebe-se como a evangelização espírita de crianças e de jovens é especial, apresentando peculiaridades que a diferencia da do adulto. A criança encontra-se no momento propício para a formação do seu caráter, segundo o planejamento reencarnatório existente. O jovem está em processo de consolidação do aprendizado obtido na infância e nas experiências precedentes, vividas nos planos físico e espiritual. O adulto já apresenta um caráter formado, agindo segundo as exigências da atual reencarnação, a despeito de apresentar tendências e comportamentos oriundos do acervo moral e intelectual que possui. Sendo assim, a ação do evangelizador sobre a mente e caráter do educando, nas aulas de evangelização espírita, deve ser sempre mais direta do que a ação do orientador de grupos de estudos espíritas de adultos. É oportuno lembrar, a respeito deste assunto, os esclarecimentos espíritas sobre a utilidade da infância: *Encarnando, com o objetivo de se aperfeiçoar, o Espírito, durante esse período [infância], é mais acessível às impressões que recebe, capazes de lhe auxiliarem o adiantamento, para o que devem contribuir os incumbidos de educá-lo.*<sup>2</sup> *Os Espíritos só entram na vida corporal para se aperfeiçoarem, para se melhorarem. A delicadeza da idade infantil os torna brandos, acessíveis aos conselhos da experiência e dos que devam fazê-los progredir. Nessa fase é que se lhes pode reformar os caracteres e reprimir os maus pendores (...).*<sup>3</sup>

O evangelizador espírita está, pois, envolvido numa tarefa de grande envergadura espiritual, apesar de ele mesmo ser um Espírito portador de deficiências e igualmente necessitado de aprendizado contínuo. É, de fato, desafiante o trabalho de evangelização espírita, requerendo dos seus dirigentes e dos seus evangelizadores tirocínio, dedicação, maturidade e perseverança para obter o êxito esperado.

A evangelização espírita infanto-juvenil solicita diretrizes semelhantes às que Jesus forneceu ao apóstolo Paulo: fé; amor ao próximo; coragem moral para vencer as vicissitudes e os desafios; humildade para saber recomeçar e para desenvolver o aprendizado; dedicação constante; espírito de sacrifício etc.

Retornando à pergunta-referência, na qual buscamos a orientação filosófica para

definir os rumos do 4o Encontro Nacional de Dirigentes de DIJ – *Senhor, que quereis que eu faça?* –, devemos estar convictos de que:

- A evangelização infanto-juvenil não se deve comprazer (...) com improvisações descabidas (...), razão pela qual os servidores integrados na evangelização devem buscar, continuamente, a atualização de conteúdos e procedimentos didático-pedagógicos, visando a um melhor rendimento, em face da economia da vida na trajetória da existência (...).<sup>4</sup>

*l Nas bases de todo programa educativo o amor é a pedra angular favorecendo o entusiasmo e a dedicação, a especialização e o interesse, o devotamento e a continuidade, a disciplina e a renovação, uma vez que no trato com a criança e o jovem o esforço renovador pela evangelização jamais prescindirá da força da exemplificação para quem ensina.*<sup>5</sup>

Cumprе acrescentar que, como em qualquer outra tarefa, a Evangelização Espírita não prescinde de uma *pausa avaliativa*, de tempos em tempos, para a revisão da qualidade das tarefas realizadas, e que, para uma melhor orientação de nossos passos, precisamos buscar em Jesus o amor e em Kardec, a verdade. É assim que atingiremos a unidade de propósitos desejada e, em consequência, a união em torno do mesmo ideal.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

<sup>1</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel, 37. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2001, p. 199.

<sup>2</sup> KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 75. ed., trad. de Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: FEB, 1994, questão 383, p. 211.

<sup>3</sup> \_\_\_\_\_. Idem, questão 385, p. 213.

<sup>4</sup> FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Evangelização Espírita Infanto-Juvenil* – Separata de Reformador. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1986, p. 10.

<sup>5</sup> \_\_\_\_\_. Idem, p. 11.

# Magno Gesto

FÁBIO HENRIQUE RAMOS

**E**m 1981 eu participava de um grupo de jovens que percorria, aos domingos, as ruas do Bairro Jardim América, em Belo Horizonte, pedindo, de casa em casa, algum mantimento, que doávamos a famílias necessitadas. Éramos uns cinco ou seis, rapazes e moças, que levantavam cedo e se uniam num trabalho modesto, mas pleno de experiências enriquecedoras.

Reuníamos-nos na garagem da casa de uma senhora muito querida, fundadora do grupo, e fazíamos uma singela prece antes de sairmos às ruas.

Os percursos eram alternados, de forma a nunca passarmos na mesma rua mais de uma vez ao mês, evitando sobrecarregar as famílias doadoras. Íamos de casa em casa, dos dois lados da rua, tocando a campainha e pedindo qualquer doação em gêneros não perecíveis. Nos prédios, o trabalho era enormemente dificultado pelo interfone, pois as pessoas dizem não, com muita facilidade, quando não estão de frente com quem pede. Vozes mal-humoradas ou indiferentes, simplesmente diziam não haver nada em casa naquele dia. O amigo Tuim, irreverente, costumava responder de imediato:

– E o que vocês vão almoçar hoje?

Infelizmente víamos enormes espigões surgirem a cada dia, tomando o lugar das casas e distanciando-nos dos moradores e do contato olho no olho, quando é bem mais difícil recusar um auxílio modesto.

Havíamos convencido a pedir em todas as casas, mesmo nas mais pobres, pois a oportunidade de doação deveria ser estendida a todos, indistintamente. Nesses lares simples jamais ouvíamos alguma recusa e recebíamos caixas de fósforos, sabão em barra ou sacos de feijão ou farinha, já abertos, amarrados com barbante. Mas dizer que não havia nada, isso não acontecia.

Numa oportunidade, tive o prazer de assistir a um maravilhoso exemplo de desapego e renúncia. Bati na porta de uma casa velha, cujo reboco caía por falta de reforma de há muito necessitada. Ouvei passos ecoarem lá dentro e, em segundos, um garoto atendeu. Expliquei o que era e ele saiu a chamar o pai. Como deixou a porta aberta, dei uma espiada lá dentro e observei que não havia um único móvel, ali, nem mesmo uma cadeira. O som do homem caminhando em minha direção, sobre as tábuas do piso, era ampliado devido à ausência de objetos que o absorvessem. Ele tinha o aspecto abatido e vestia uma roupa surrada, mas muito limpa. Outras duas crianças surgiram, e as três rodearam o pai, prestando atenção na nossa conversa.

– Ô rapaz, eu estou desempregado há dois anos – disse ele – e as coisas não estão muito fáceis por aqui. Mas é para quem estes mantimentos?

– Para famílias muito carentes. O desemprego está geral e aumenta a cada dia o número de necessitados. Mas, o senhor não precisa doar nada, estou vendo que...

– Olha, eu tenho dado um jeito e de fome ainda não morremos. Tenho um arroz com casca, que nos vem mantendo. Ô menino, vai buscar o saco!

E o garoto maior foi correndo e voltou arrastando um saco de linhagem, com uns dois palmos de arroz dentro. O pai pegou uma lata de óleo vazia, que lá estava, encheu-a e a derramou dentro de um pacote de papel. Antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, entregou-me o quilo de arroz, dizendo:

– Não é muito, mas vai matar a fome de alguém em situação pior que a minha.

Os olhinhos dos meninos brilhavam e seus lábios esboçavam leve sorriso, aprovando o gesto do pai.

Coloquei a prenda preciosa junto aos demais alimentos, já recolhidos por mim naquela manhã, e saí em direção à rua, incapaz de dizer uma palavra.

Ao chegarmos de volta à garagem e fazermos o levantamento do que ganhávamos, concluímos que a manhã havia sido generosa conosco. Os cinco estavam suados e cansados, mas uns oitenta quilos de alimentos foram recolhidos. Agradecemos a Deus, comovidos. Então, contei aos colegas sobre o “quilo de arroz”. O Luiz, amoroso, sugeriu que déssemos um destino diferente à produção daquele dia, doando tudo àquela família. Acatamos por unanimidade a sugestão.

Enquanto eles, em mais um grande esforço, levavam os alimentos, dirigi-me a minha casa, refletindo sobre as leis divinas e sua simplicidade. Estava tudo tão claro! O valor de nossas doações não depende do peso ou da quantidade, mas do que elas representam para nós. Quanto maior o gesto de renúncia, maior a doação. Aquele pai de família havia doado grande parte do que lhe restava de patrimônio e já começava, no mesmo dia, a receber de volta, multiplicado, o benefício feito. ●



# Poesias de Auta de Souza

## ENTREVISTA

Não precisas buscá-lo no Azul pleno,  
Onde a vida imortal esplende e assume  
A estranha forma do Celeste Lume  
De que o homem percebe vago aceno.

Desce ajudando ao chavascal terreno  
Que tragédias e lágrimas resume...  
E espalha a caridade qual perfume  
Que se evola do lodo ao céu sereno.

Ante o vale da sombra imensa e fria,  
Abençoa, restaura, eleva e guia,  
Lenindo as aflições de toda a hora...

E perante o suor da angústia em chaga,  
Encontrarás o Cristo que te afaga,  
Em cada coração que luta e chora!...

## TRABALHA AGORA

Pondera o tempo – mar em que navegas,  
Invisível apoio que te escora.  
Não te afundes no abismo, senda afora,  
Nem prossigas, em vão, tateando às cegas.

Glórias, delitos, lágrimas, refregas,  
Tudo é feito no tempo, de hora a hora...  
Estende o amor e a paz, semeando agora

As riquezas do tempo que carregas!

Inda que a dor te oprima e o mal te afronte,  
Vive, qual novo dia no horizonte,  
Sem que a névoa do mundo te abastarde...

Hoje! Trabalha agora, em cada instante;  
Agora! trilha aberta ao sol triunfante!...  
Muitas vezes, depois é muito tarde!...

**Fonte: XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Antologia dos Imortais*, Poetas Diversos, 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990, p. 268-269.**

# A Charrua da Existência Terrena

DALTRO RIGUEIRA VIANNA

Uma fazenda serpenteada por caudaloso rio... Ventos suaves balsamizavam o ambiente naquela manhã outonal. Flores silvestres, multicores, formavam lindo tapete. Pássaros canoros iam e vinham. Musicalidade sublime patenteava na Natureza. Escreveu o Espírito Vianna de Carvalho: *A Natureza é um templo, no qual o coração se faz altar, convidando o ser à comunhão com a vida.*

Encostado na cerca de madeira, observava eu, com o olhar lúcido, um trabalhador que movimentava a *charrua* (arado grande de ferro) no amanho da terra, destinada ao plantio de arroz. Uma lembrança penetrou rapidamente o meu pensamento. Certa vez, meu guia espiritual, solidário com o cipoal de dificuldades com o qual me deparava, disse-me afetosamente: *Pegue a sua charrua e siga em frente, pois eu não o abandonarei nunca.* Viandantes da estrada terrena, cada um de nós possui a sua charrua particular, nascida da herança dos próprios atos. Olhando aquele quadro, de meu inconsciente brotou uma frase, anotada de algum livro: *O bem que distendemos pelo caminho é eterna semente de luz que plantamos no solo do futuro, por onde um dia chegarão nossos pés.* O homem e a charrua continuavam na sua faina...

Minha mente percorreu os hospitais, os cárceres, as favelas, os cortiços, os leprosários, os asilos, os orfanatos, os manicômios. São os portadores da charrua da dor e do sofrimento. Despontou em meu íntimo uma frase lapidar, emanada de um grande Espírito: *O rio das lágrimas tem suas nascentes no pretérito espiritual. Há dores que funcionam como reparação de culpas, re- educação disciplinadora e dores que constituem o aguilhão, impelindo-nos para frente.*

O trabalhador suarento movimentava a charrua e afastava os pedregulhos encontrados. (...) *Devemos converter as pedras do nosso orgulho em pães da humildade e do amor fraternal* – recordava-me naquele instante de um escrito do Espírito Victor Hugo.

Um sabiá-laranjeira saltitava alegremente à procura de alimento, embelezando o ambiente. Ao longe, o gado passeava molemolente na pradaria. Pouco além, os silos guardavam as sementes que logo logo seriam plantadas. Outro magnífico ensinamento, retirado de um romance espírita, eclodiu--me no cérebro: *Armazena os grãos da vida, aprimorando a terra íntima do espírito para fecundá-los oportunamente.* Agradável aroma de terra revolvida era aspirado a plenos pulmões. Leve chuva começava a cair, misturada aos raios de sol no horizonte. Educativa frase de um mentor espiritual surgiu-me na tela mental: *No terreno arroteado das nossas almas, as sementes, aquecidas pelo sol do amor deverão germinar com maior pujança, sob a chuva das bênçãos divinas.* E a charrua sulcava a terra... sacos de adubos lá estavam para serem depositados no terreno. *É sábio todo aquele que da luta retira os benefícios que o dignificam e deixa como adubo para outras conquistas os cadáveres das paixões vencidas*, escreveu o Espírito Victor Hugo. Meditando sobre aquele instrumento de trabalho, dou meia volta e

• sigo outros caminhos, lembrando palavras do Mentor Espiritual Emmanuel: *É necessário que o homem sincero tome lições com o Divino Cultivador, abraçando-se ao arado da responsabilidade, na luta edificante, sem dele retirar as mãos, de modo a evitar prejuízos à terra de si mesmo.*

## Sylvio Walter Xavier

ANTONIO LUCENA

**E**ra natural da cidade do Rio de Janeiro, nascido no dia 13 de julho de 1915. Filho de Antônio da Costa Xavier e D. Raquel Rosa Teixeira Xavier. Realizou o Curso Primário na Escola Joaquim Nabuco, em Botafogo. O Ginásio e o Preparatório no Colégio Pedro II, do Centro da cidade, matriculando-se em seguida na Escola Militar de Realengo.

Seus pais eram espíritas e desde pequenino os acompanhava às Casas Espíritas. Nunca teve outra religião.

Era 1º Tenente, quando em 20 de dezembro de 1939 contraiu matrimônio com a jovem Maria José Costa Sampaio Xavier, constituindo uma família de três filhos: Adylson, Ayrton e Amylton, que lhe deram nove netos.

Consta do currículo de Sylvio Walter Xavier: ingressou na Escola Militar de Realengo, em 1934, saindo Cadete em 1936. Durante o Curso recebeu inúmeros elogios, sendo incorporado no Corpo de Cadetes em 1936, na Arma de Artilharia.

Nesse mesmo ano esteve com outros Cadetes na Argentina e no Uruguai, como parte da Comitiva Presidencial de visita àqueles países.

Em 1937 foi incluído no 4º Regimento de Artilharia Montada, Guarnição de Itu (SP). Quando foi declarado Aspirante, desligou-se da Escola de Cadetes. Foi promovido a 2º Tenente em 21 de outubro de 1937.

Em 1939, já 1º Tenente, foi classificado para a Guarnição da Vila Militar, de Deodoro, no Rio de Janeiro, onde exerceu diversas funções, até julho de 1942, quando foi transferido para a Inspeção Geral de Ensino do Exército.

Em 1942, foi transferido para o 3º Grupo de Artilharia de Dorso, Guarnição de Campo Grande (MT), onde serviu até 13 de abril de 1943, sendo desligado e incluído na Brigada Mista Guarnição de Aquidauana (MT), e promovido a Capitão, ainda na Arma de Artilharia.

Em 1944 era transferido para a Guarnição de Aracaju (SE). Em 1945, foi transferido para a Guarnição da Vila Militar de Deodoro (RJ). Em 22 de novembro de 1950 foi promovido a Major, e, cinco anos depois, em 22 de dezembro, ao posto de Tenente-Coronel, e passou para a Reserva com duas promoções: Coronel e General de Brigada.

Vale ainda ressaltar que realizou os Cursos de Aperfeiçoamento de Oficiais na Vila Militar, da Escola de Educação Física do Exército, na Urca, da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, da Praia Vermelha, e a Escola de Pára-quedistas, em Port Bening, Columbus, Estados Unidos da América, em 1946, sendo um dos pioneiros do pára-quedismo.

Colaborou, de forma permanente, com Jaime Rolemberg de Lima e Carlos Torres

Pastorino, na CAPEMI e no Lar Fabiano de Cristo, do qual foi um de seus construtores. Mais tarde, foi Presidente da CAPEMI e depois do Lar Fabiano de Cristo, invejável obra assistencial brasileira. Foi também Diretor do SEI – Serviço Espírita de Informações – no qual assinou, por vários anos, o artigo de abertura da 1ª página.

Sua desencarnação ocorreu no Rio de Janeiro em 28 de dezembro de 2001. O enterro de seu corpo foi no Cemitério de São João Batista, em Botafogo, com grande acompanhamento.

Caro confrade Sylvio Walter Xavier: Que Jesus o ampare sempre na Vida Maior, multiplicando-lhe as oportunidades de servir na seara do Bem. ●

## Seara Espírita

---

### **Maranhão: XXII CONESMA**

A Federação Espírita do Maranhão realizou na Universidade Federal (UFMA), no período de 9 a 12 de fevereiro passado, o XXII CONESMA – Congresso Espírita do Maranhão –, com o tema central *Espiritismo: Ciência, Filosofia e Religião Promovendo a Educação do Homem*, desdobrado em oito temas específicos a cargo dos expositores Ricardo Di Bernardi (SC), Adenauer Novaes (BA) e Geraldo Guimarães (RJ).

---

### **Portugal: Encontro Fraternal em Lisboa**

A União Espírita da Região de Lisboa, que acaba de ser formada, como órgão da Federação Espírita Portuguesa, realizou sua atividade inicial com o 1º Encontro Fraternal, na sede da FEP, em 14 de outubro de 2001, cujo programa incluiu apresentações artísticas (teatro e momento musical), palestras por Marta Rosa e João Xavier de Almeida, com intervenções por Vitor Mora Féria e Adriano Barros.

---

### **Pelotas (RS): Sociedade Espírita Centenária**

A Sociedade União e Instrução Espírita, de Pelotas, completou 100 anos de existência em 2001, com uma programação que se estendeu por todo o ano. No dia 8 de dezembro, Gladis Pedersen de Oliveira, Vice-Presidente da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, fez palestra sobre *A Importância da Evangelização Espírita Infante-Juvenil*, ressaltando o trabalho da Sociedade, que mantém Escola de Evangelização há 53 anos. No dia 29 de dezembro, data do 100º aniversário da Instituição, Divaldo Pereira Franco proferiu a conferência que encerrou as comemorações do centenário da SUIE.

---

### **Rio de Janeiro: Encontro da Família Espírita**

Promovido pela União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro, através do seu Departamento de Infância e Juventude, realizou-se no período de 9 a 12 de fevereiro o 8º ENEFE – Encontro Estadual da Família Espírita, com o objetivo de reunir a família em torno do estudo dos postulados da Doutrina Espírita, buscando o entendimento cristão e a compreensão que consola. O evento ocorreu em 20 núcleos instalados em sete bairros da cidade do Rio de Janeiro e 13 municípios do Estado.

---

### **Cuba: Divulgação do Espiritismo**

O *Grupo Espírita Hermanos del Bien* está desenvolvendo intensa campanha de divulgação da Doutrina Espírita. Promove palestras públicas e conferências sobre temas atuais à luz do Espiritismo. Há algum tempo iniciou também a campanha de distribuição gratuita de livros e periódicos espíritas em espanhol a confrades e instituições espíritas cubanas. O Grupo, dirigido pelo confrade Rossel Alfaro Martinez, tem sede no seguinte endereço: Calle Maximo Gómez, 54, apto. 2 Altos – Saco y Leon – Bayamo Granma – 55100 Cuba. (SEI.)

---

### **Ceará: Encontro de Mocidades Espíritas**

Com o tema *O Jovem Construindo o Futuro*, realizou-se, no Colégio Militar de Fortaleza, de 9 a 12 de fevereiro, o IV EMECE – Encontro de Mocidades Espíritas do Ceará. Tendo como base a 1ª Parte de *O Livro dos Espíritos*, os jovens estudaram Deus, o Espírito e o Universo, através de grupos de estudo e oficinas. A promoção foi da Federação Espírita do Estado do Ceará, através da Coordenação da Infância e Juventude.

---

### **Paraná: FEP Comemora Centenário**

A Federação Espírita do Paraná, fundada em 1902, está comemorando neste ano o seu centenário de fundação. Conforme consta do logotipo dessa efeméride, foram “100 anos semeando a boa nova por um mundo melhor”. Nossos cumprimentos à FEP, entidade federativa integrada no trabalho de Unificação desde a primeira hora, pois é signatária do *Pacto Áureo*, de outubro de 1949, e membro do Conselho Federativo Nacional a partir de sua instalação em janeiro de 1950.

---

### **França: Conferências Espíritas em Paris**

A *Union Spirite Française et Francophone* organizou, para o ano 2002, uma série de conferências espíritas em Paris, na Sala *Améthyste*, coordenadas por seu presidente, Roger Perez, com o seguinte programa: Dia 26 de janeiro – conferência de Charles Kempf sobre *A Ciência e a Fenomenologia Espírita*; dia 5 de maio – conferências de Jean-Luc Royens e Joël Ury sobre *A Transcomunicação Instrumental*; e no dia 15 de setembro, conferência de Anita Becquerel sobre *Jesus o Cristo segundo o Espiritismo*.



## REFORMADOR

PEDIDO DE ASSINATURA:

ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO

Nome .....

Endereço .....

Bairro..... CEP .....

Cidade ..... Estado .....

País ..... Tel.: .....

*\* Se você deseja oferecer uma assinatura de presente a alguém preencha o quadro acima com os dados do presenteado e o quadro abaixo com seus dados.*

Para cobrança: Nome .....

Endereço .....

Bairro ..... CEP .....

Cidade ..... Estado .....

País ..... Tel.: .....

NOTA: O pedido de assinatura deve vir acompanhado do comprovante do pagamento da assinatura anual, no valor de R\$ 24,00.

O pagamento pode ser feito através de cheque nominal à Federação Espírita Brasileira, ou de ordem de pagamento, vale postal, ou solicitação à FEB do boleto bancário.

## SEJA SÓCIO DA FEB

A FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA é instituição sem fins lucrativos, de caráter nacional, dedicada ao estudo e difusão da Doutrina Espírita, por sua divulgação e apoio ao Movimento Espírita nacional e internacional.

**Associe-se à Instituição**, como sócio contribuinte, colaborando para a tarefa a que se propõe realizar na causa do bem e na prática da caridade. Basta preencher este cupom e colocá-lo no correio; não precisa selar. A cada trimestre você decide o valor de sua contribuição. Indique a seguir o valor para o trimestre inicial: **R\$.....** \*

Nome .....

Endereço ..... CEP .....

Município..... Estado..... País .....

Tel.: ( ) ..... Celular ( ) ..... Fax .....

E-Mail..... Identidade ..... CPF.....

Assinatura .....

*\* Valor mínimo trimestral de R\$ 15,00. Aguarde as boletas e instruções para pagamento.*